

DIRECTOR		EDITOR	
MARIO CASTELHANO		SILVINO DE NORONHA	
ASSINATURA			
INCLUINDO O SUPLEMENTO SEMANAL			
PAGAMENTO ADIANTADO			
Continente, colónias e estrangeiro	Meses	Preços	
Lisboa .....	1	9550	
Provincia .....	3	28550	
África portuguesa .....	6	66500	
Estrangeiro .....	6	102500	

## A nuvem por Juno

Neste momento está sendo travada em Inglaterra a questão da greve geral—e, raras vezes, naquele país, uma questão apaixonou tanto a opinião pública. Discutem-na o parlamento, os partidos políticos e as massas trabalhadoras organizadas. E o mais curioso é que a questão é debatida num momento em que se não vislumbra, no horizonte social inglês, a perspectiva da greve geral.

Essa formidável arma de combate—e até de transformação social—não partiu de nenhuma decisão operária, mas duma atitude do ministério conservador presidido por Baldwin.

Esse governo apresentou um projecto que, a ser aprovado, tornava ilegal a greve geral. A oposição estatal, logo, violenta por parte dos trabalhistas, os quais à viva força pretendem que aquele método de acção das massas trabalhadoras tenha existência jurídica e se converta numa espécie de instituição legal.

Quanto a nós, o caso, que tanto ruído tem provocado, não tem a importância que o governo e os trabalhistas lhe dão. E o aspecto mais interessante desta questão é a clarividência do habilíssimo político inglês Lloyd George, que soube ver o problema com o seu verdadeiro alcance social que, afinal, parece não ser amplamente compreendido pelos trabalhistas.

Intervindo no debate parlamentar, afirmou que a publicação da lei não evitava que uma greve geral se desencadeasse e acrescentou que, mesmo que o governo se apoiasse dos fundos dos sindicatos e aprisionasse os seus líderes, o conflito não deixaria igualmente de estalar.

Trata-se dum dos muitos paradoxos em que é fértil a política: um político, liberal de etiqueta e conservador de facto, analisar uma questão com um critério social, mais claro e mais amplo do que os trabalhistas que são, no parlamento, a extrema esquerda e que tanta influência têm nas Trade Unions.

Mas, não são apenas os trabalhistas que nesta questão tomam, deploravelmente, a nuvem por Juno: numa conferência efectuada em Londres que representava cerca de quatro milhões de trabalhadores produziram-se os mais ardentes discursos e houve quem apresentasse, para evitar a publicação do decreto, a ideia duma greve geral.

Felizmente, que a proposta não foi aprovada: seria o maior dos contrasensos fazer um formidável desperdício de energias por causa da puerilidade da legalização da greve.

Não são os decretos que evitam os movimentos de protesto das classes trabalhadoras, mas sim a força e a consciência colectiva delas e, ainda, a existência dum ambiente social capaz de gerar e permitir a eclosão dum movimento dessa fundamental gravidade e dessa excepcional importância.

A greve geral pode até provocar, na sociedade onde ela se produz, uma transformação radical. Legalizada ou não, a sociedade em face do ataque que a atinge, em pleno coração, defende-se. Os conservadores que representam essa sociedade estão, na lógica do seu papel, procurando tornar impossível a greve geral. Se julgarmos com um decreto evitar um perigo, enganamo-nos amargamente. Agora a pretensão dos trabalhistas em pedirem à sociedade que considere legal um movimento que pode originar uma revolução social, é deslocada e absurda. Em que época da história o futuro dependeu dum decreto?

O caso do paiolero do vapor "Lourenço Marques"

Uma nota oficiosa sobre o assunto

Em reunião da comissão administrativa do Sindicato do Pessoal da Marinha Mercante foi apreciada a nota de desmentido do paiolero do vapor "Lourenço Marques", sendo resolvido que as afirmações desta comissão anteriormente publicadas fiquem de pé, porquanto conhecemos muitíssimo bem que o indivíduo em questão é uzeiro e vezeiro em cometer actos que hoje pretende desmentir. Como tenhamos também na devida consideração a classe que este sobra pretende representar não publicaremos outros casos que, com toda a certeza, não destruiria porque bastantes argumentos preciosos possuímos para desmascarar este cavalheiro.

Julgando esta comissão suficientemente esclarecida toda a organização operária e, em especial, os marítimos de longo curso, damos por concluídas as nossas considerações acerca deste assunto.—A comissão administrativa.

## SEMANA DA CRIANÇA

### Decorrem com todo o entusiasmo as festas comemorativas desta interessante jornada

#### A T. S. F. ao serviço das crianças

Continuaram ontem em todo o país as festas da "Semana da Criança".

Em todas as escolas o entusiasmo é grande. É uma semana de alegria em que a petizada se diverte num ambiente de grande fraternidade.

#### Na Escola Primária 5

Na Escola Primária n.º 5, proseguiram ontem as festas da "Semana da Criança", havendo recitativos e executando o Orfeão algumas marchas e canções, sendo os seus executantes muito aplaudidos.

#### Na Escola da Secção da Palma

Na Escola da Secção da Construção Civil de Palma, também se comemorou ontem a "Semana da Criança".

A's 15 horas os alunos formados em cortejo dirigiram-se para o Campo Grande em visita ao jardim e ao Museu Bordalo Pinheiro.

Depois dessa visita as crianças, que foram acompanhadas pela professora D. Maria Carlotto Soares e pela empregada da Escola D. Maria da Cruz, regressaram à Escola sempre no mais alegre convívio.

#### Uma mensagem das crianças

Foi transmitida pela T. S. F. uma mensagem das crianças das escolas portuguesas para os seus colegas do estrangeiro, que a professora D. Judice Vieira leu, às 22 horas de ontem, na residência do sr. Afílio Nunes dos Santos.

#### Em Carnaxide

Continua a cumprir-se em toda a freguesia de Carnaxide o programa elaborado pela respectiva comissão organizadora, tendo ontem sido abertas as exposições de trabalhos escolares.

Na escola de Alges, calçada da Maruja, 50, junto da exposição dos trabalhos escolares organizou o professor sr. António Lima uma interessante exposição de brinquedos educativos, com o fim de mostrar aos pais alguns dos brinquedos que devem preferir para os seus filhos.

Tanto a exposição de trabalhos escolares como a de brinquedos encontra-se patente ao público até ao próximo domingo.

#### Uma conferência na Voz do Operário

Na Sociedade A Voz do Operário realizou ontem o dr. João Camoeses, uma conferência sob o título "A educação na família".

Os tópicos dessa conferência são os seguintes:

No estado actual dos nossos conhecimentos tudo leva a crer que a vida social começou pela vida familiar. A atracção biológica dos sexos e o largo período de cuidados absorvidos pela criação dos filhos originaram esse grupo primário que ao depois o direito converteu numa entidade definida. A família pode, pois, ser considerada como o berço da vida social. E ainda hoje é o meio onde, inevitavelmente, dum modo geral, se passam os primeiros anos da vida ou seja a fase mais plástica e mais influente da vida humana. Este condicionalismo faz com que a família tenha uma formidável acção educativa, que pesa, decisivamente, sobre o destino dos jovens. Constitui, por isso, nascer de capacidade social das crianças, sendo, por consequência, o instrumento primordial da continuidade social.

A educação no grupo familiar resulta do convívio. As crianças sobretudo no lar de

gente pobre assistem aos varios actos de vida familiar e partilham da sua actividade. Intensamente imitadoras depressa assimilam as tradições e os hábitos do grupo familiar. Nas sociedades primitivas a educação encontra-se mesmo reduzida à acção familiar quer duma forma directa, partilhando os jovens da tarefa comum, quer duma forma indirecta reproduzindo em jogos e exercícios as acções dos adultos.

De tal maneira que não são apenas as tradições e os hábitos que se adquirem na vida familiar mas até os ideais e, por isso, um notável sociólogo contemporâneo escreveu a seu respeito: "Foi o berço da civilização no passado e alguma coisa de semelhante à sua organização parece ser o ideal para que tende a organização da sociedade inteira".

A medida que a sociedade se desenvolve e a organização das sociedades humanas se foi complicando, tornou-se, porém, como observa John Dewey, maior a distância entre as capacidades dos jovens e as obrigações e os interesses dos adultos. A directa acção educativa da família diminuiu por isso de eficácia, tornando necessária a instalação de órgãos sociais de educação. Mas nas sociedades dos nossos tempos, a actividade económica de pais, mães e até mesmo das crianças mais idosas, diminuiu mais ainda essa eficácia, porque para a educação durante os primeiros anos da vida, a mais delicada de todas, porque é a base, o fundamento da cultura posterior. As dificuldades de vida, eliminando de facto o lar nas classes populares pela acumulação e pela promiscuidade, acabam mesmo por comprometer totalmente a acção benéfica da educação familiar e criam um dos mais graves e dolorosos perigos sociais que se conhecem.

A organização das escolas populares, com um sistema nacional de assistência, procura suprir nos povos modernos, a insuficiência educativa do grupo familiar.

A escola primária, desde o grau infantil ao complementar, adaptou-se nos povos adiantados à solução de tão instantânea necessidade. A creche e outras instituições de assistência maternal pretendem acudir aos encargos na idade pré-escolar.

No entanto, este sistema não conseguiu por completo eliminar a influência da família. E como esta, sobretudo nas classes pobres, era muitas vezes perniciosa e nefasta para a acção escolar, forçou-se a instalar aos estados modernos procurar e instalar os meios de influência directamente no aperfeiçoamento da vida familiar.

O meio mais corrente consiste na ligação da escola com o lar. Essa ligação faz-se por intermédio da enfermeira escolar que tem por missão ir de casa em casa, espalhando conselhos e sugestões. Este método possui, ainda, intactas as condições materiais ou seja a deficiência higiénica das habitações que são quasi sempre responsáveis pela reduzida capacidade educativa de numerosas famílias. A socialização das habitações populares visa exactamente a remover essas deficiências e, por consequência, a restabelecer o poder educativo da família. Em Roma, no Bairro de São Lourenço, coito de miséria e de vícios, segundo conta o Dr. Moulissoni, este sistema de socialização das habitações, pondo dentro de cada grupo de uma escola de crianças, deu os melhores resultados. A casa dos pobres pôde por meio dela erguer-se de dentro a lar, de fogueteiro contagiador de vícios a altar semeador de virtudes.

A família quando bem organizada é o meio racional do desenvolvimento de todas (Continua na 2.ª página)

## A 10.ª Conferência Internacional do Trabalho

### Nota oficiosa da Confederação Geral do Trabalho

Por intermédio da imprensa diária, é do conhecimento público que o governo nomeou uma delegação para tomar parte nas reuniões da 10.ª Conferência Internacional do Trabalho, a efectuar em Genebra, no dia 25 do corrente. A delegação nomeada é constituída por dois delegados directos do governo, um do patronato, e, finalmente, o quarto como representante dos trabalhadores portugueses. É, quanto a este último, que a C. G. T., legítima representante do proletariado português organizado, julga do seu dever chamar a atenção de todos os trabalhadores, pois que tal nomeação constitui um indiscutível atropelo às atribuições deste organismo.

A Confederação Geral do Trabalho, organismo constituído por sindicatos operários de todas as indústrias e distribuídos por todo o país, é fundamentalmente anti-colaboracionista, e por isso, a todos os convites para indicação de delegados às Conferências Internacionais do Trabalho, que várias vezes têm sido enviados às organizações que a compõem, tem essas organizações correspondido sempre com uma mais formal e categórica negativa. Outra atitude não seria compreensível. As Conferências Internacionais do Trabalho, à imagem e semelhança da Repartição Internacional do Trabalho, que as organiza, têm objectivos puros e simplesmente reformistas, de colaboração de classes, e portanto, constituem a negação mais completa dos objectivos da C. G. T. portuguesa. E, por estes motivos, que, há alguns anos, quando essa Conferência teve lugar em Washington, o governo de então, perante a atitude inabalável da organização operária, se viu forçado a enviar um pretenso delegado operário, o socialista Alfredo Franco. Neste momento o facto repetiu-se. Foi feito recentemente um convite às organizações operárias, para que indicassem delegados com as necessárias condições para o desempenho dessa missão. Propositadamente, e em conformidade com as indicações federais, baseadas na orientação da C. G. T., aprovada e confirmada várias vezes nos congressos operários que se têm efectuado, essas organizações não responderam ao convite. Essa atitude geral não foi porém seguida, pela velha e decadente Federação Marítima, que indicou o seu componente e antigo operário José de Almeida, indicação que, como está provado com a nomeação governamental, que é acompanhada da ampla designação de representante das classes trabalhadoras portuguesas.

A C. G. T., apreciando tal nomeação e o carácter com que foi feita, lavra o seu protesto através da presente nota, protesto que justifica nas seguintes declarações:

1.ª—Só a Confederação Geral do Trabalho, como único organismo central do proletariado português, possui as necessárias condições orgânicas e morais para fazer a nomeação de representantes dos trabalhadores portugueses.

2.ª—A Confederação Geral do Trabalho não nomeou e não autorizou ninguém a nomear um representante dos trabalhadores portugueses à 10.ª Conferência Internacional do Trabalho, porque, sendo os objectivos dessa conferência absolutamente antagónicos à orientação da C. G. T., orientação baseada nos princípios da mais completa luta de classes, não poderia efectuar tal nomeação, nem com ela estar de acôrdo.

3.ª—A Confederação Geral do Trabalho, quando nomeia delegados a quaisquer reuniões nacionais ou internacionais faz com que essa nomeação incida sempre, duma maneira absoluta e inofensiva, em indivíduos operários, situação em que se não encontra o nomeado José de Almeida, que, há já alguns anos, desempenha as funções de director duma Cooperativa.

4.ª—A Confederação Geral do Trabalho tem sempre o cuidado de nomear criaturas que, embora na maioria dos casos não sejam providas de diplomas de quaisquer cursos, pelo menos possuam os conhecimentos e a inteligência necessários para se saberem desempenhar condignamente as funções que lhes atribuíam, o que não sucede com o indivíduo nomeado, o qual não possui qualquer desses predicados, só podendo colocar numa situação ridícula e desairoso o proletariado português, de que abusivamente pretende inculcar a representação.

Finalmente, para melhor esclarecimento do público operário e para que mais concretas conclusões possam ser tiradas do facto que o organismo que efectuou a nomeação de José de Almeida—a Federação Marítima—é um organismo de meia dúzia de sindicatos fluviais, nos quais os componentes têm uma relativa ou quasi nula autonomia, não podendo as suas resoluções constituir de qualquer maneira o sentir das classes marítimas, porquanto estas, em valor moral, revolucionário e numérico, se encontram na Federação dos Trabalhadores Marítimos e Fluviais, que é aderente à Confederação Geral do Trabalho. Também por ser bastante elucidativo no que se refere a intenções e ser indispensável para efeitos de conhecimento geral, se informa que os sindicatos componentes da aludida Federação Marítima são os mesmos que convocaram e levaram a efeito o comício que se efectuou em Lisboa no passado dia 1.º de Maio, com a autorização e todos os vistos das autoridades.

Fica pois irrefutavelmente demonstrado que José de Almeida, nomeado pelo governo delegado à 10.ª Conferência Internacional do Trabalho, poderá representar tudo, menos os trabalhadores portugueses.

Lisboa, Maio, 1927.

#### O Comité Confederal

#### Federação da Construção Civil

Da Federação da Construção Civil recebemos a nota oficiosa que passamos a reproduzir:

"Tendo esta Federação tido conhecimento, por intermédio da imprensa, de que o governo havia nomeado como representante do proletariado português à Conferência Internacional do Trabalho o alcinha-

## A REACÇÃO BURGUESA

### Operários perseguidos na Argentina para salvamento de um político criminoso

Buenos Aires, 1 de Maio.—Certos escândalos policiais dos últimos meses têm apaixonado a opinião pública da Argentina, à falta doutros motivos mais da época. O assassinato dum vereador municipal de Buenos Aires produziu a detenção dum caudilho político influente e duma mulher, cuja vida e participação nos factos que se lhe imputavam nos não importam. O certo é que tais detensões promoveram tal celeuma, que a imprensa tomou partido apaixonadamente em favor ou contra os acusados; e em volta dos implicados num crime vulgar, por virtude e milagre de interesses ocultos e do sensacionalismo explorado pela imprensa mercenária, giraram durante vários meses as conversações do grande público.

Por tratar-se dum conhecido caudilho político, duma personagem pertencente à esfera oficial da aristocracia creoula, fez-se vibrar todas as fibras da sensibilidade popular... enquanto a policia de Buenos Aires preparava um golpe de mão para libertar os ilustres presos e doirar a pilula da sua inocência.

De repente, em meio das cabalas forjadas em torno dos mais ínfimos detalhes desse processo, a policia de Buenos Aires apresenta os autores do crime em referência. Eram três delinquentes comuns, que confessaram "espontaneamente" os feitos que antes fora acusado e a mulher cuja vida nos não interessa. A "espontaneidade" da confissão deixou uma certa dúvida nos que sabem reflexionar sobre os factos e têm uma cabeça para algo mais do que para pôr nela o chapéu.

O juiz a quem coube a causa, convencido ou não, como se lhe apresentaram as confissões feitas pelos três delinquentes, pôs em liberdade os primeiros suspeitos do assassinato. Não tinha outra saída.

Uns dias mais tarde, os delinquentes "convictos e confessos" do assassinato, fazem ouvir sua voz, denunciando os tormentos de que haviam sido vítimas nas mãos da policia e assegurando que as "confissões" tão exploradas lhes haviam sido arrancadas pela força, sob a ameaça de morte. E como esse assassinato vulgar interessou tanto à opinião pública e pôs em jogo tantos interesses políticos, o assunto das torturas policiais foi amplamente divulgado e condenado como um abuso que merece uma devida reparação.

Em meio dessa batalha de polémicas, estava uma bomba em casa dum prefeito marítimo, denunciado pelos trabalhadores como um tiranete sem escrúpulos e sobre tudo como um inimigo declarado da organização operária. A bomba não cumpriu o fim a que estava seguramente destinada: não fez mais do que causar destrócos materiais na casa e no mobiliário. Dos autores a policia não pôde descobrir nem o rastro.

Mas isso não podia ficar assim. Para as autoridades policiais essa incapacidade para descobrir os autores dum facto de tanta ressonância era um golpe intolerável. A fim-

de sair deste beco, pôs-se em scena uma comédia: o assalto ao domicílio de alguns operários conhecidos pelas suas ideias anarquistas, entre os quais queria encontrar o culpado os autores do atentado terrorista. O golpe saiu-lhe mal; as promessas e os afagos dos cães-cerberos da ordem capitalista não deram o resultado apetecido; prometeu-se aos presos a liberdade, um lugar bem remunerado ao serviço da policia, etc., aquele que se declarasse autor dalgum dos atentados terroristas cometidos ultimamente. Rogou-se-lhes que os ajudassem a sair do ridículo em que colocava as instituições policiais a sua ineptia e a sua impotência para esclarecer os factos que haviam passado ao domínio público e que corriam de boca em boca. Nada. Não podendo lograr pelas promessas e enganar, recorreu às torturas, as torturas que recordam os relatos arrepiantes da inquisição religiosa. Algumas organizações nossas propõem-se editar num folheto especial um resumo dos processos empregados pela policia argentina para "interrogar" os detidos e obrigá-los a confessarem-se autores de factos que não são cometidos. Vale a pena recordar assim ao mundo que a época da Inquisição não há passado, todavia. E que os horrores do catolicismo e as infâmias dum juiz Marzo em Barcelona ou de seus colegas nos processos na famosa "Mão Negra" continuam ainda em vigor em países como a Argentina, que se vangloria de democracia e de liberal.

Além disso, os factos que nestes últimos dias têm sido tão amplamente comentados e estigmatizados na imprensa deste país, vimo-los denunciando nós sem descanso.

Em todas as esquadras da Argentina tortura-se os presos dum modo selvagem e sádico para forçá-los a fazer declarações do agrado dos encarregados de "manter a ordem"; e os cárceres, que são em todas as partes, escolas do crime e da delinquência, não são em maior grau aqui. Nas mãos dos verdugos policiais não há nenhuma segurança; e sob as garras dos carcereiros, recrutados entre a mais baixa categoria social, o preso não pode abrigar mais que sentimentos de vingança e de ódio.

Um Simão Radowitzky, que se mantém tantos anos puro de coração e ativo de espírito, é uma excepção heroica. A regra é justamente o contrário: em poucos anos de vida no cárcere, o preso é física e moralmente anulado e rebaixado ao nível dos ex-homens.

Não compreendemos porque é que o grande público não entende estas coisas: que a policia não está para combater a delinquência, senão para fomentá-la, e que os cárceres não relemam, senão tornam pior o delinquentes.

Ainda que isso não tenha nada de assombroso, pois a imensa maioria da humanidade não se deu conta, todavia, de que vive na desordem mais brutal e iníqua e que o paraíso que devia ser a terra, graças ao trabalho humano e à ciência, continua sendo um vale de lágrimas.

## O DESCARRILAMENTO DE FIGUEIRINHA

### A propósito das novas investigações

O descarrilamento de Figueirinha está apaixonando novamente a opinião pública. A tragédia de 9 de Novembro de 1921 vai reviver-se em todas as suas tristes minúcias.

Fala-se no prosseguimento das investigações, que a falta de verba suspenderam a meio. Serão elas conduzidas a bom termo de maneira a fazer-se luz sobre este misterioso caso?

Dúvidamos que tal suceda. Jacinto da Silva declarou já a sua responsabilidade apresentando cúmplices! Há, pois, um indivíduo que pode falar se a policia nisso tiver interesse.

Não é das nossas funções investigar todo esse complicado caso. A prisão dos autores não ressuscitará a vida às 9 pessoas que pereceram, nem evitará as dores dos 30 e tal feridos.

Mesmo que os criminosos sejam todos metidos na cadeia o atentado de Figueirinha ficará sendo um dos mais bárbaros que se têm cometido.

Fique, pois, entendido que a nossa participação no caso é muito diferente da dos outros jornais.

Isso não impede, porém, que vejamos com olhos de ver as condições benévolas em que serão feitas as investigações.

E' fora de dúvida que este atentado foi de natureza política. Os ferroviários, de principio apontados como autores da façanha, estão completamente libados de responsabilidades.

Ninguém já acredita que fôsse qualquer ferroviário a pessoa que foi colocar a viga de ferro na linha.

A opinião pública inclina-se para outra hipótese: a de ser um grupo político, tendo Jacinto da Silva como executante, o autor do bárbaro atentado.

Porque se pôde de parte esta hipótese? Será para favorecer alguma pessoa grande que no caso está metida?

Ainda havemos de ver isso.

## Lêde a "A BATALHA"

do presidente da velha Federação Marítima, vem tornar pública a sua discordância pelos motivos que passa a expor:

1.º O sr. José de Almeida sendo trabalhador fluvial nem sequer conhece as condições económicas e sociais dos verdadeiros trabalhadores marítimos, quanto mais as dos das restantes classes;

2.º Porque sendo o referido indivíduo quasi completamente analfabeto, não reúne as condições necessárias para o desempenho da missão para que foi nomeado.

3.º Se os organismos operários reconhecessem que alguma vantagem adviria, para

## ACIDENTES DE TRABALHO

### Um exemplo da obra de assistência aos sinistrados

Confundido entre os indigentes que todas as manhãs pejam o átrio do hospital de S. José em demanda de hospitalização, lá fomos ontem encontrar um pobre operário vítima das ambições da empresa das minas de Aljustrel e das anomalias da lei sobre acidentes de trabalho.

Narremos o caso. No dia 21 de Abril, nas referidas minas, aquele operário, que se chama Manuel Rossana, de 29 anos, solteiro, deu uma queda grave.

Conduzido a Lisboa, ao hospital de S. José, ali verificaram que o Rossana tinha fractura na base do crâneo.

Passados alguns dias, o médico deu-lhe alta, prognosticando uma provável cura.

Até aqui ainda o caso se compreende. Mas as condições em que este operário veio para Lisboa e em que foi tratado aqui não podem passar sem o nosso protesto.

O Rossana veio para o hospital de S. José na situação de indigente, com guia da Câmara Municipal de Aljustrel.

E agora para regressar para a terra da sua naturalidade terá que ir com guia da Assistência Pública, a menos que ele queira ficar para ali na miséria.

Contra semelhante facto não podemos deixar de afirmar aqui os nossos protestos.

A lei dos acidentes de trabalho é bem clara nesse ponto. Aquel operário foi vítima de um desastre no exercício da sua profissão.

A empresa, ou a companhia seguradora dos seus operários, tinha o dever de pagar todas as despesas com o tratamento do doente.

Não o fez, e o pobre Rossana, com fractura do crâneo, veio para Lisboa como se se tratasse dum mendigo, a expensas da Câmara Municipal.

Quanto se abusa da passividade dos que trabalham!

## O comércio na Rússia

LONDRES, 18.—As importações na Rússia durante o último semestre diminuíram trinta e dois milhões de rublos, ao passo que as exportações aumentaram vinte e três milhões.—(L.)

## NOTAS & COMENTARIOS

### Duzentos e cinquenta—e nada?

Preguntámos à Ideia Nacional se ela considerava o 28 de Maio integralista e integralista a situação de saída. A resposta demorou devido a terem partido para o Pórtos duzentos e cinquenta, brilhantes e talentosos, colaboradores daquele jornal—explicação que, de boa vontade aceitamos, por ser verdadeira.

O que é inaceitável é a sua recusa obstinada em responder a uma tão curta e simples pergunta, recusa obstinada expressa nestas frases propositadamente enigmáticas: "Parece-nos que não somos nós os mais indicados para responder sobre propósitos alheios e aspirações dos outros. Porque se não contenta o nosso perguntador colega com as declarações de quem as pode fazer?"

A quem pretende a Ideia Nacional que endossamos a pergunta? Ao sr. Pinheiro Maluco ou ao Wu-Pei-Fu?

### "O castelo dos noivos"

O último volume da "Biblioteca do Lar" intitula-se "O castelo dos noivos" e é uma história sentimental, narrada por meio de cartas de grande beleza literária.

Obra para entretenimento do espirito, ela prende a atenção do leitor desde a primeira à última página.

Os personagens estão bem observados, sendo de lamentar apenas que a sua atitude em vez de sacrificada não seja de rebeldia.

A Dionísia do romance é uma delicada figurinha de mulher cheia de ternura e a sua alma revela-se completamente durante o decorrer da obra.

A tradução é da poetisa Florbela Espanca Lage e a edição pertence à Livraria Civilização, do Pórtos.

### Auto-escândalo

A Exposição do Rio de Janeiro constituiu um grande escândalo: o dinheiro do Estado foi largamente esbanjado e uma das suas pessoas que era um dos principais responsáveis e um dos principais responsáveis—o ma-

ior sr. Malheiro Reimão—foi anteontem absolvido.

Aguardamos o julgamento das outras pessoas mencionadas. Se todas elas forem absolvidas seremos forçados a concluir que houve escândalo e que não houve quem lhe desse origem. Teremos, portanto, de escrever neste jornal, que o escândalo da exposição do Rio de Janeiro gerou-se espontaneamente a si próprio, foi mesmo—um auto-escândalo.

Em Portugal, são mesmo frequentíssimos—os auto-escândalos.

### O olhar do morto

Mão amiga enviou-nos para nos desolpar um número do jornal O Correio da Serra que em Celorico da Beira se publica. Desconheciamos-lo, com prejuizo nosso, visto que a sua leitura nos provoca um riso desculpado e feliz, suavizador dos nossos aborrecimentos.

O seu artigo de "fundo" tinha, entre outras, as seguintes pilherias, pelas quais insulta, tudo e todos, de surdez:

"Não ouvem os ditadores a voz da nação", etc., etc.

"Não ouvem sequer a voz dos mortos do Fervor", etc., etc.

Como quer o hilaritante semanário clarividente que nós tivéssemos ouvido a voz dos mortos?

E ele já viu, porventura, o olhar do morto?

### Analfabetismo

Segundo informes que possuímos e que reputamos dignos de confiança, a delegação portuguesa à 10.ª Conferência Internacional do Trabalho, apresenta, nessa importante reunião, uma tese sobre o analfabetismo e a sua influência no movimento sindical. E' relator da tese o pseudo delegado operário José de Almeida, motivo por que se aguarda com ansiedade que tão importante trabalho chegue ao conhecimento público, dada a circunstância do relator ser possuidor de bastantes conhecimentos do assunto, conhecimentos naturais dum dos mais ilustres componentes do elevado número de analfabetos que existe no país.



## EFEMERIDES

19 de Maio

- 1759.—O marquês de Pombal funda em Lisboa uma escola de Comércio.
- 1825.—Morre Saint-Simão, chefe duma escola socialista.
- 1869.—Funda-se em Boston a Liga das 8 horas.
- 1873.—Inaugura-se em Barcelona o segundo congresso dos camponeses espanhóis.
- 1902.—Uma explosão de grisu nas minas de Fraterville (Estados Unidos da América), ocasiona a morte de 200 operários.
- 1903.—Após o assassinato em massa dos grevistas de Zlatoust, os milícias russas executam o general Bogdanovitch, governador de Aukla.
- 1913.—Graves incidentes nos quartéis de Paris e de Belfort, por causa da lei dos três anos de serviço militar.
- 1925.—Arbitrariamente a Batalha é impedida de circular!

## PROPAGANDA PACIFISTA

## A conferência do dr. Magalhães Lima, na Universidade Popular Portuguesa

O sr. dr. Magalhães Lima realizou ontem, pelas 22 horas, na Universidade Popular Portuguesa, a sua anunciada conferência sobre o «Dia da Paz».

O conferente, ao iniciar as suas considerações, propôs o envio de uma salvação ao Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, concebida nos seguintes termos:

«A Universidade Popular ao celebrar a data internacional da paz, cumpre um dever e uma devoção, enviando ao Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, a expressão da sua mais perfeita solidariedade. Nesta admirável comunhão das almas que toma parte o mundo inteiro, a «Universidade Popular Portuguesa» afirma a existência de uma política pacífica, política completa, uma, que tem os seus princípios formais e as suas consequências obrigatórias, e que assenta sobre as bases da inviolabilidade da vida humana, da igualdade de direitos para os dois sexos, na arbitragem obrigatória para resolver os conflitos internacionais, no desarmamento, na federação entre os povos, negando o direito de conquista, proclamando a autonomia dos indivíduos e das nações, aplicando enfim, aos povos, a mesma moral que aos cidadãos. Estão, pois, as duas instituições identificadas no mesmo direito moderno e na mesma aspiração humana, emancipadora e renovadora».

O sr. dr. Magalhães Lima declarou-se depois muito satisfeito e honrado com o acto de o homem terem para ir à Universidade Popular, instituição que muito contribui para o desenvolvimento da educação e da instrução, afirmando a propósito que o mal da república foi o não ter compreendido que, para se manter, necessitava difundir a instrução.

Alongando-se em considerações sobre a instrução, disse não ser possível haver democracia sem educação. Sobre a guerra, começou por afirmar que nós, que nos somos civilizados, somos no fundo selvagens como os bons selvagens e a prova disso está em não termos evitado a guerra de 1914.

Lembra vários propagandistas do ideal pacifista, como Jean Jaurès, Garibaldi, Victor Hugo, etc. e passa a analisar o tema «lei do amor», que afirma existir, tornando-se apenas necessário que a tornemos efectiva, para o bem estar geral.

Na guerra nunca vence quem tem razão, afirma, mas sim o que tem maior força, motivo por que, se outros não houvesse, ela se torna repulente.

O conferente afirma a seguir que a recrudescência religiosa é um derivativo da guerra, como o é também o excesso do desporto, que provoca a decadência da humanidade.

Analisando as causas da guerra, disse que ela é resultado da má organização social. Enquanto não reorganizarmos a actual sociedade, não é possível uma paz duradoura.

O orador cita várias faixas de guerras, afirmando que as tem feitas patrióticas e religiosas, sendo a característica das dos nossos tempos, a económica.

Faz depois um rasgado elogio do pacifismo mundial, e termina por apelar para a direcção da Universidade Popular Portuguesa, para que continue na sua bela obra da qual muito há a esperar em prol do bem da sociedade.

A assistência, que era numerosa e na qual se viam muitas senhoras, premiou o trabalho do conferente com uma quente salva de palmas.

Falou ainda o sr. Ludovico de Menezes, que recordou vários exemplos passados quando da sua mocidade, para comprovar a veracidade das afirmações produzidas pelo dr. sr. Magalhães Lima.

## CONFERÊNCIAS

## Universidade Popular Portuguesa

Hoje, pelas 21 horas, realiza-se na Universidade Popular Portuguesa, Rua Particular à Rua Almeida e Sousa, sob a presidência do sr. dr. José de Magalhães, uma sessão de homenagem a Pestalozzi, falando alguns professores e uma aluna da Escola Normal Primária. A entrada é livre.

## EDEN TEATRO

TELEF. N. 3300

## HOJE—HOJE

DUAS SÉRIES às 20,45 e 10,45

Com a representação da espietosa opereta em 3 actos

## UM FILHO DE III CLASSE

Música cheia de colorido  
Artística encenação

Desempenho admirável da companhia de

ALMEIDA CRUZ

Preços populares

## O MOMENTO CHINÊS

## Os problemas económicos da revolução

Xangai, Abril.—Diversos elementos políticos intervêm no movimento revolucionário chinês. Mas a gravidade dos problemas sociais, que uma parte do proletariado apresenta, torna secundário o factor nacionalista em numerosos casos.

As potências afastariam facilmente, de toda a Ásia, o perigo nacionalista se a revolução chinesa visasse unicamente uma mudança de regime político. Mas a revolução não ficará na simples e inevitável anulação do direito de extra-territorialidade e a gente de Moscú sabe especular com as complicações do fenómeno chinês.

O maior perigo para as potências reside nas reivindicações económicas mais do que nas exigências que os nacionalistas formulam. Os nacionalistas ainda descondemem em admitir o regime de concessões, embora sob a fiscalização directa e permanente da China, e os homens de Moscú não se opõem a esta política nem deixam, por dualidade que o mais fugaz exame explicaria, de agitar as classes operárias no terreno económico.

E a insubmissão do proletariado ao regime de colonos de capitalistas que sobressalta as companhias estrangeiras a ponto de apregoarem o «perigo vermelho». Ora, o perigo vermelho—segundo afirmou um humorista galego—num país de amarelos não passa de uma espanhola tremulando nos postes telegráficos. Deixemos nós passar a alusão e continuemos a análise.

O operariado asiático é um colosso que vive manietado, mas começa já despertando e a exigir a sua liberdade de consciência, não querendo suportar mais tempo a vida terrível a que o sujeitam.

A transformação do proletariado chinês em uma força social possuindo consciência própria depressa tornará possível a luta de classes em todos os povos asiáticos. E esta consequência inevitável que o capitalismo da França e da Inglaterra mais recia e mais encarnadamente pretende combater. Os dois países, até agora, encontravam nas suas longínquas colónias mão de obra barata para as suas indústrias e para os seus emporios.

Falta unidade política ao movimento nacionalista chinês e os generais do sul não têm possibilidade de garantir a paz num povo tão agitado por diversas e encontradas correntes revolucionárias em choque. O bolchevismo exerce a sua influência no domínio económico e na esfera política, especulando com o descontentamento popular contra os dirigentes do nacionalismo num momento em que os «estratégicos» de Moscú determinam que se contrariem os propósitos de reconciliação de Kuomintang com a Inglaterra.

Ao partilharem dos butins, facilmente os generais chegarão a um acordo com as potências. Mas eles são incapazes de dominar a força do povo no campo económico: os operários querem levar muito longe a revolução e a corrida dos estrangeiros, como a independência da China, não os deixará inteiramente satisfeitos.

A vitória do nacionalismo será a solução do problema político mas deixará com os seus graves aspectos um complexo problema político; uma simples modificação do sistema de concessões não se obterá com a fiscalização efectiva do governo nacional. A classe trabalhadora continuará vivendo sob a tutela do capitalismo estrangeiro, ainda que a China, como nação, tenha conquistado a sua emancipação política.

O operariado torna suas as fórmulas revolucionárias de Moscú. O bolchevismo, ante as potências imperialistas, é inofensivo na Rússia, mas é demasiado perigoso na China. Milhões de trabalhadores põem-se em guerra contra o capitalismo e é nisto que se verifica a realidade do perigo vermelho em que as potências procuram fundar o seu intento de impor o domínio estrangeiro, não só à nação, como a todo o povo.

## A disputa anglo-soviética

LONDRES, 18.—Locker Lamson, sub-secretário dos Negócios Estrangeiros, declarou hoje na Câmara dos Comuns que as autoridades chinesas estavam continuando activamente o exame aos documentos encontrados pela polícia numa delegação dos soviéticos em Pequim, e que estavam sendo publicadas periodicamente, em boletim, traduções e reproduções fotográficas dos mesmos.

Acrescentou que nada mais se pôde dizer acerca do assunto sem que o ministro dos Estrangeiros tenha recebido e examinado esses documentos, e acentuou que a apreensão deles não tinha sido feita na embaixada soviética, mas sim na casa cidadã.

Westminster Gazette examinando, a propósito da visita do presidente Doumergue, a situação dos soviéticos nos assuntos da China diz saber que o sr. Chamberlain está convencido de que uma rutura agora de relações entre os gabinetes de Londres e de Moscú em nada perturbará a paz da Europa.—(L)

## Horário de Trabalho no Comércio

A brigada de fiscalização do horário de trabalho do Sindicato dos Empregados no Comércio e Indústria de Lisboa, percorreu ontem a área de Campo de Ourique onde se levantaram alguns autos de transgressão.

## Coliseu dos Recreios

HOJE—Às 9 da noite—HOJE

Grande sucesso do comovedor e empolgante cine-romance (2 jornadas)

## TITI, REI DOS GAIATOS

Notável maravilha de arte cinematográfica

O engraçadíssimo «film» do grande cómico CHARLOT (3 partes)

## DIA DE FERIAS

REVISTA MUNDIAL (1 parte)

## PREÇOS POPULARES

SABADO, 21—Grande sarau de arte pela Academia Instrução e Recreio Familiar Almadaense  
Surpreendente Orfeão Infantil  
Grandiosa Orquestra de Saxofones

## QUINTA-FEIRA, 26

ESTREIA DA

Grande Companhia de Revista

## OS DOGMAS DA IGREJA

## Cristianismo e Catolicismo

## A doutrina prega-se como convém e segue-se como apetece aos católicos

Depois de mais uma tiradinha e que por sinal muitíssimo engraçada de A Ideia, daquela Ideia que, lá diz na sua terceira página, como que a esclarecer aqueles que ainda tiverem dúvidas, quais as suas pacíficas intenções no apoio desinteressado à ditadura: «Reconquista da Unidade Monárquica. Olhamos para o Interesse Nacional que servimos. Vêmo-lo neste momento entregue à Ditadura Militar, originada no movimento reaccionário de 28 de Maio».

Bem sei não ser bem isto que A Ideia desejava, nem tampouco aqueles que, armados em sobas, fazem por vezes retinir o telefone, no louvável intuito de conseguirem a discussão pessoal, mas se não é isso, é porque acima dos meus interesses pessoais, encontro necessário colocar os interesses da multidão dos escravizados, dos oprimidos, daqueles que, como eu, chicheiam e besta e armam em carcozeiros. E o interesse dela é que é preciso acautelar e defender das arremetidas do integralismo jesuítico, de contrário, cada vez mais se apertarão as algemas da escravidão opressora, em que durante anos sem-conto se tem vivido e, como assim é, continuemos:

O antigo e novo testamento foram declarados livros sagrados, pelo Concílio de 1870, dando-lhes Deus como autor e proibindo expressamente que alguém os interpretasse de maneira diversa da estabelecida pela santa madre igreja. No entanto, a igreja muitas e variadas vezes se tem permitido a liberdade de os alterar, a ponto de fazer deles quase um livro para seu uso próprio, e compreende-se, os católicos na sua maioria nunca leram a Bíblia, porque a creem obra do diabo, e fazem apenas aquilo que os padres ou os seus acólitos lhes dizem que façam.

De contrário, ainda que isto custe aos de A Ideia, nenhum católico, por mais crente que fosse, adoraria os chamados santos da igreja ou se rojaria aos pés dos padres, sob a pena de cair no tanque ardent do fogo. Pois o senhor disse: «Eu sou o senhor vosso Deus. Não fareis para vós idolos nem imagens de escultura, nem levantaréis colunas, nem na vossa terra poreis pedras assinaladas para adorardes: porque sou eu o Senhor vosso Deus (Levítico-XXVI v).

E não satisfeito com isso, temendo a acção dos impostores, acrescentou: «Não farás para ti imagem de escultura, nem figura alguma de tudo o que há nos altos céus, ou está debaixo da terra, ou nas águas. Não os adoraráis nem lhes darás culto. Não farás para ti, nem levantarás estátuas: que são coisas que o senhor teu Deus aborrece».

Maldito o homem que faz imagens de escultura ou fundida, que é a abominação do Senhor.

Interessante seria que os nossos integralistas defensores da igreja, nos viessem dizer, o que terá o Senhor pensado da última peregrinação a Fátima e da bem preparada parada de forças que aquilo foi. Sim! Porque o Senhor deve estar de facto bastante arreliado, com a partida que os homens na ansia da ganância da alma e do dinheiro, lhe pregaram, a não ser que ele também já tenha aderido ao integralismo ou, então, que desse o seu apoio condicionado à ditadura!

Mas seja como for, a sua arreliada deve na verdade ter sido muito grande, visto que nos tempos primitivos ele foi até a ameaçar os que os criam imitar, e disso devem os seus vigários saber muito bem, o que claramente demonstra que logo nesse tempo começaram a surgir os que à sua custa se criam governar. «Mas o nosso Deus está no céu, tudo quanto quis, fez. Os ídolos das gentes. Não sentem fome e não bebem, não têm olhos e não veem, não têm nariz e não ouvem, não têm mãos e não apalpam, não têm pés e não andam; não clamam com a sua garganta. Sejam semelhantes a eles os que os fazem e todos os que confiam neles».

«Eu sou o Senhor, este é o meu nome; eu não darei a outrem a minha glória nem consentirei que se tribute aos ídolos o louvor que só a mim pertence».

«E não queiras ir atrás de uns deuses estrangeiros, (e as igrejas portuguesas estão deles recheadas) para os servires e adorares, nem me provoques a ira e eu não te alijarei».

E depois disto tudo e como que a explicar os motivos dos catolicismos com que por vezes persegue as igrejas, mais ainda do que qualquer outros edifícios; diz: «E farei perecer os teus simulacros e as tuas estátuas do meio de ti, e nunca mais adoraras as obras de tuas mãos. E tomarei com furor e indignação vingança de todas as gentes que me não ouvirem».

E tal e qual como qualquer Homais, Paulo Emilio ou Maçon ou simples integralista praticante, procura: «De que serve a estátua, quando o seu privativo artifice é que a fabricou, sendo ela um simulacro e uma imagem falsa».

E quem melhor podia falar da falsidade das estátuas agora novamente tanto em fco? E como não encontro resposta fácil, se não no rendimento que um tal invento deixa à igreja e a exploração que acarreta para os tímidos e para os íracos, exclama: «Vai-te Satanaz. Porque está escrito ao senhor teu Deus adorá-lo e só a ele servirás».

Mas como não são os padres os culpados, disse ainda: «Mas pelo que toca aos tímidos, a sua parte será no tanque ardente de fogo e de enxofre que é a segunda morte. Desta forma até os tímidos e os que por snobismo constantemente se arrastam pelas igrejas, com os homens de A Ideia à mistura, se é que eles nisto de religião não andam apenas com intenção de conseguirem fazer o seu jôgo político, jôgo que a massa anónima dos que trabalha dificilmente lho consentirá, se antecipadamente não lhe agrihoarem novamente a consciência, sofrido os terríveis castigos do inferno, castigo que o Diabo, aquele Diabo inventado para salvação de Deus, lhes aplicará com toda a sua mais forte vontade. E este Diabo, muito se deve ir a verificar a adoração das imagens de gesso, de pedra e de todas as coisas».

E intuitivo que aqueles que os adoram pontos, enganados pelos representantes da igreja com o auxílio dos tais de A Ideia, cometem grande falta, mas desde que tenham quem lhes faça ver essas coisas, tornam-se ídolos conscientes, e disso têm de prestar severas contas a Deus.

E só agora reparo, que já ia um tanto desviado do caminho que inicié.

O Concílio de 1870, é parente em grau muito próximo do Concílio de Niceia, reunido em 325, sob a presidência do imperador Constantino.

Os princípios que se dizem pregados por Cristo e que eram seguidos e apreçados pelos que se intitulavam seus discípulos, foram-se expandindo e ganhando prosélitos pela persuasão. Eram essas doutrinas de amor e fraternidade e os seus sectários formavam uma sociedade comunista—não se assustem os nossos católicos, conservadores ou integralistas, porque a palavra comunismo não significa desordem ou absorção de poderes, bem pelo contrário, e provém do princípio do mundo ou da civilização—com um fundo constituído pelas propriedades e pelos ganhos de todos eles: as viúvas, os órfãos, os pobres, os doentes e os velhos eram socorridos.

A medida que foi aumentando o número de sectários e portanto a influência da seita, foi esta manifestando tendências políticas e abandonando o seu carácter primitivo, o que demonstra que a acção dos monárquicos integralistas ou não integralistas, no que se refere à ditadura militar e já sucedeu anteriormente na república dos partidos, não é uma descoberta sua, pois em todos os tempos tiveram os mesmos processos e costumes, primeiro caridade e religião, para, em seguida, escravidão e tirania.

Os imperadores romanos, porque nos seus domínios o Cristianismo tinha maior desenvolvimento e ia ganhando terreno, tentaram destruí-lo pela perseguição, pelo emprego da força, etc. Este sistema, como sempre, deu em resultado um acréscimo de partidários e um aumento de energia e tenacidade na luta, tornando o Cristianismo um desenvolvimento e uma importância muito para considerar.

Abdicar Diocleciano, em cujo reinado tinha havido perseguições que exasperaram os cristãos e os resolveram a uma luta a todo o transe. Constantino, que pretendia o poder supremo, abandonou o paganismo—sempre muito coerentes, estes monarcas!—em que até então militara, declarou-se cristão e à frente dos seus novos correligionários, que lhe sabia dispostos a lutar até morrer, escalou o poder, única causa que certamente o movia a pôr a espada ao lado da cruz, que conquistou após diversas batalhas.

E intuitivo o motivo que levou Constantino a filiar-se no Cristianismo; e aqui-lata-se da sua nova fé pela de muitos recém-filizados que, pagãos até à vitória definitiva de Constantino, se declararam ardentes cristãos no dia seguinte.

O primeiro resultado disto foi a introdução de muitas práticas e fórmulas do paganismo na nova religião, que a pouco e pouco foi abandonando a simplicidade que a caracterizava. Começava a transformação do cristianismo em catolicismo.

Constantino mesmo correu decreto para que se realizasse uma íntima fusão das duas religiões para assim contentar os sectários de ambas e consolidar fortemente o seu poderio. E daí que começa e se vem acentuando o feitiço de idolatria que caracteriza hoje a Igreja. Começaram os milagres, surgiram os santos, apareceram as relíquias, instituiu-se a superstição com todo o esplendor.

Crentes e não poucos supõem que cristianismo e catolicismo eram uma e a mesma coisa, assim como que tudo mais que a igreja hoje observa. Mas não, ela vai-se modificando conforme os tempos, as épocas e as suas necessidades; assim e apesar de tal lhe ser vedado, ela a pouco e pouco tem alterado as sagradas escrituras. A Doutrina prega-se como lhe convém e segue-se como lhe apetece.

O culto dos santos foi inventado em 370; as orações pelos mortos, em 400; o Purgatório, em 590; o culto da Virgem Maria, em 609; a celebração da Missa, em 670; o culto das imagens (idolatria), em 787; o incenso obrigatório nas cerimónias do culto, em 800; a festa da assumpção da Virgem, em 813; a festa de Todos os Santos, em 837; a canonização dos Santos, em 880; a festa dos defuntos, em 998; o «canon» da Missa, em 1000; o colégio cardinalício, em 1059; o celibato do clero, em 1074; a infalibilidade da Igreja, em 1076; os sete sacramentos, em 1164; a Inquisição (a maior demonstração da bondade, humildade e caridade cristã), em 1184; o uso dos rosários, em 1200; a confissão articular, em 1215; a adoração das hostias, em 1220; o uso da campanha na missa, em 1227; a festa do Coração de Jesus, em 1254; a procissão do Santíssimo Sacramento, em 1311; a definição da comunhão, em 1414; as «Portas do Purgatório» (pois até ali não tinham descoberto que o Purgatório era fechado), em 1438; o dogma da Imaculada Conceição, em 1845; o dogma da infalibilidade do Papa, em 1870.

Todas estas pequeninas coisas que a igreja têm deixado rios de dinheiro, aos monárquicos séculos de predomínio, rega-befe e aos idealistas longos martírios, são inovações muito posteriores à fundação do cristianismo e até do catolicismo.

Muitas outras inovações tem tido a igreja para seu governo e governo dos seus apaniguados.

Paulo EMÍLIO

## SOCIEDADES DE RECREIO

Academia Musical do Comando Geral de Artilharia—Refinam hoje, os corpos gerentes, às 21 horas.

## TEATRO MARIA VITÓRIA

TELEFONE N. 3644

Direcção artística de António de Macedo

HOJE—Quinta-feira, 19 de Maio—HOJE

2 sessões—2—A's 8 3/4 e 10 3/4

A revista triunfante de grande sucesso

## REVIRAVOLTA

ampliada com o novo quadro

## OPERA POPULAR

que alcançou um êxito extraordinário—Bri-

liante desempenho de toda a Companhia

ENCHENTES—SOBRE ENCHENTES

2—soberbos finais de acto—2

BREVEMENTE—A opereta portuguesa original do sr. Mário Monteiro

ESTRELA D'ALVA

Música da maestrina brasileira D. Fran-

cisca Gonzaga,

AVISO—Estão suspensas as entradas de

favor e os bilhetes de convite.

## Semana da Criança

(Continuação da 1.ª página)

as capacidades humanas e até da formação dos ideais sociais.

As condições da vida moderna tornam indispensável a existência dum sistema educativo socializado, visto ter aumentado a distância entre as capacidades dos jovens e a actividade dos adultos.

Mas o funcionamento do sistema escolar não dispensa a cooperação da família na tarefa educativa e, por isso, a pedagogia científica inscreve nestes os seus postulados fundamentais o da ligação entre as escolas e os lares.

Esta ligação, porém, será insuficiente se as condições de instalação das famílias forem deficientes e anti-higiénicas e, por isso, a socialização das habitações de gente pobre consegue ser a solução mais eficaz de tão momentoso problema.

## O que há hoje em Lisboa

As festas da «Semana da Criança» continuam hoje. Em Lisboa realizam-se as seguintes comemorações:

Sessões de animatógrafo (ou teatro infantil educativo), para todas as crianças (quer frequentem ou não as escolas) promovendo a assistência das desprotegidas. Em torno deste objectivo procuram-se há realizar um concurso de «films» educativos para apuramento dos mais recomendáveis.

## Na Voz do Operário

A's 14 horas, confraternização dos alunos da Sociedade A Voz do Operário, com os alunos da Escola Oficina n.º 1, a convite do corpo docente desta última instituição. A's 21 horas, conferência pelo professor Emilio Costa sobre o tema «A educação dos educadores».

## Na Escola da Construção Civil

O programa das festas na Escola da Construção Civil é o seguinte:

A's 14 horas: reunião das crianças da escola, a fim de seguirem para o Salão Central, onde às 15,30 horas se realiza uma sessão cinematográfica.

A's 18,30 horas: As crianças da nossa escola, após a saída do cinematógrafo, farão a distribuição dum «lanche» de milho aos pobres do Rossio.

A's 21 horas: conferência pelo professor sr. Canhão Junior, seguindo-se uma recita cujo programa é o seguinte:

1.ª parte: Drama em 1 acto «Salada de Amor».

2.ª parte: Comédia em 1 acto «Uma teima».

3.ª parte: A comédia em 1 acto «Grande Hotel Modelo».

4.ª parte: Um deslumbrante acto de variedades.

O desempenho destes espectáculos está a cargo do Grupo Dramático Solidariedade Operária. A parte musical está a cargo da Troupe Musical «Os Luzitanos» que delicar-se-á a assistência com as melhores peças do seu vasto repertório.

A educativa conferência e ao interessante espectáculo que se realiza, convidamos a assistirem todos os camaradas e suas famílias.

Os bilhetes podem ser procurados no Continuo da sede e na Administração do nosso jornal.

Os delegados da comissão escolar devem estar às 18,30 horas no Rossio.

## No hospital Estefânia

Na Escola Infantil do hospital Estefânia realiza-se hoje, às 14 horas, uma sessão cinematográfica comemorativa da «Semana da Criança», seguindo-se a distribuição de vestuário às crianças internadas neste estabelecimento.

## Na Universidade Livre

Na sede da Universidade Livre, Praça Luís de Camões, realiza hoje, às 21 horas, o sr. dr. Alfonso Managás uma conferência com o tema «O valor moral da criança».

## CRONICA DO ESTRANGEIRO

## Diverso noticiário

## A venalidade política

LONDRES, 18.—O ministro dos negócios estrangeiros, sr. Chamberlain, ofereceu hoje à noite um jantar ao sr. Doumergue, o que assistiu o príncipe de Galles, o presidente de gabinete e todos os ministros bem como os «leaders» dos partidos liberal e trabalhista.—(L)

## A militarização da França

PARIS, 18.—A comissão de guerra do senado começou hoje a discutir o projecto de reorganização do exército já votado pela câmara dos deputados. Por 15 votos contra 2 a comissão resolveu propor a eliminação do artigo primeiro relativo a mobilização de mulheres, velhos e crianças, baseando-se em que se trata dum problema delicado de direito internacional.—(L)

## A consagração de Berthelot

PARIS, 18.—Foi apresentada na câmara municipal uma proposta para ser colocada uma placa comemorativa na casa da rua de Saint Martin em que residiu durante 10 anos o sábio Berthelot.—(L)

## Uma questão anglo-persa

LONDRES, 18.—O sub-secretário dos negócios estrangeiros declarou na câmara dos comuns não ter o governo persa justificado o motivo que o levou a negar autorização para o estabelecimento de uma linha de tráfego internacional aéreo ao longo do seu país. Apenas alega não estar disposto a alterar as rotas estabelecidas na Convenção Internacional Aérea de 1920 a que a Pérsia aderiu.—(L)

## A luta contra os comunistas

PARIS, 18.—A pedido do governo foi enviada à comissão competente um requerimento para ser instaurado processo contra mais seis deputados comunistas acusados de promover a indisciplina militar.—(L)

## OS QUE MORREM

D. Narcisca Clara de Oliveira Cardoso

Com a avançada idade de 84 anos, faleceu ontem a sr.ª D. Narcisca Clara de Oliveira Cardoso, tia do compositor tipográfico de A Situação, sr. Matias da Fonseca. O funeral realiza-se hoje, pelas 11 horas, saluado da residência da extinta na rua do Arco do Cego, 43, 3.º D., para o Cemitério Oriental.

Alberto Apolónio Travassos

Da casa de seus pais, rua do Arco da Graça, 20, saiu ontem às 10 horas, o funeral do menino Alberto Apolónio Travassos, que antecederá faleceu.

## TEATROS

## MUSICA



## PARTEIRA

Judite Silva

Rua Alves Correia, 197, 1.º-D.to  
(Antiga Rua São José)CONSULTAS sobre gravidez e faltas  
de menstruação. Das 12 às 9 da noite.  
Recebe clientes em casa.

## A prestações

CALÇADO PARA HOMEM  
— SENHORA E CRIANÇA —

10\$00 SEMANAIS

55, Rua Alves Correia, 55, loja  
(Vulgo Rua de São José)

RUA DO AMPARO

A sapataria mais econômica de Lisboa  
Telef. C. 3541

Por **Juliano Quintinha**

Vizinhos do Mar..... 8\$00  
Cavalgada do Sonho..... 8\$00  
Terras de Fogo..... 8\$00  
Dor vitoriosa (novela)..... 2\$25

Por **Ferreira de Castro**

Sangue Negro..... 2\$50  
Saudes de Lirismo e de Amor..... 8\$00  
A Peregrina do Mundo Novo..... 6\$00  
F. Castro e E. Fria — A Boca  
da Estíngue..... 8\$00

A' venda na administração  
de "A Batalha"

## Loteria de Santo António

Extracção a 18 de Junho  
PREMIO MAIOR

2.000.000\$00

Bilhetes a 520\$000 — meios a 260\$  
— quartos 130\$000 — decimos  
52\$000 — vigésimos 26\$000 —  
quadragésimos 13\$000 —  
— Cautelas 3\$000

Pelo Correio mais 1\$00

PEDIDOS AOS CAMBISTAS

Camião &amp; C. A

Rua do Amparo, 116 — Lisboa

## ISQUEIROS

Tubos, rodas, chaminés, fundos,  
molos e pedras, a preços resumidos.

Pedidos a:

FRANCISCO LATTA

LARGO DO CONDE BARÃO, 55

Tabacaria e Kiosque

A GRANDE BAIXA  
DE CALÇADO

SÓ COM O LUCRO DE 10%.

## SAPATARIA SOCIAL OPERARIA

Sapatos para senhora..... 30\$00  
Sapatos em verniz..... 28\$00  
Botas pretas (grande saldo)..... 48\$00  
Botas brancas (saldo)..... 48\$00  
Grande saldo de botas pretas..... 48\$00  
Botas de couro para homem..... 48\$00

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com  
outra casa.  
Ver bem, pois só lá encontra bom e barato.  
A Social Operaria é na rua dos Cavaleiros,  
12-26, com Filial na mesma rua, n.º 45.

## Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO CARMO, 98

TELEFONE N. 5353

Medicina, coração e pulmões—Dr. Armando  
Narciso—A's 5 horas.  
Cirurgia, operações—Dr. Bernardo Vilar—4 h.  
Rins, vias urinárias—Dr. Miguel Magalhães—10 h.  
Doenças das crianças—Dr. Filipe Manso—12 h.  
Tratamento de diabetes—Dr. Ernesto Roma—5 h.  
Boca e dentes—Dr. Armando Lima—10 horas.  
Cancro e rádio—Dr. Cabral de Melo—4 horas.  
Reto X—Dr. Aleu Saldanha—4 horas.  
Análises—Dr. Gabriela Beato—4 horas.

## Novidades literárias

## CAVALGADA DO SONHO

— DE —

Juliano Quintinha

2.ª Edição—Escudos 8\$00

A' venda em todas as livrarias. — Pedidos  
à secção de Livraria de A Batalha

## NAO SOFRAM MAIS!



— Usem HERPETOL para as —

doenças da pele (—

Um das mais modernas e modernas  
fazem por completo desaparecer a comichão.  
O HERPETOL é a realidade o primeiro  
medicamento descoberto para as doenças da pele,  
luz, como: ECZEMAS, MANCHAS, ERU-  
PICOES, ESPINHAS, CROSTAS, ARDENCIA  
NA PELE e MORDEDEURAS DE INSECTOS.  
Instantes depois da aplicação, o paciente  
vê com regozijo sintomas de restabelecimento.  
A CURA É CERTA, em muitos casos um só  
frasco é o suficiente para uma cura. Se sofrer,  
compre sem demora esta especialidade que se  
vende nas principais farmácias.

DEPOSITOS:

LISBOA, R. DA PRATA, 237, 1.º

## A EPOPEIA DO TRABALHO

— POR —

Ferreira de Castro, com desenhos de  
Roberto Nobre

Esplêndido livro, que é um verdadeiro  
hino ao Trabalho, com dezenas de gravuras.  
A' venda nas livrarias, ao preço de 6\$00 e,  
à cobrança, de 7\$00.

Pedidos à Livraria Renascença, de J. Car-  
doso, editor, Rua dos Poiais de São Bento,  
27 e 29 e à Administração de A Batalha,  
calçada do Combro, 38-A, 2.º — Lisboa —  
Portugal.

## LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 53 desta novela  
intitulado *Laude Amor* por Elias Garcia.  
Preço, 6\$00. — Pedidos à administração de  
A Batalha.ESTE SEGURO IMPÕE-SE A  
TODOS OS TRABALHADORES

Todo o operário ou trabalhador por 33 CENTAVOS POR DIA ga-  
rante aos seus, em caso de morte, um capital de ESC. 5.000\$00 pago imedia-  
tamente. Se economizar 58 CENTAVOS POR DIA DURANTE 30 ANOS  
garante para a sua velhice uma pensão de reforma de ESC. 100\$00 MEN-  
SAIS pagos enquanto for vivo.

Operários, trabalhadores, sede previdentes para com as vossas famí-  
lias e para com vós mesmos, segurando-vos em

## A MUNDIAL

Companhia de Seguros Sede — Rua Garrett, 95  
LISBOASociedade Anónima IMPORTANTE:  
de Responsabilidade Limitada Mediante um ligeiro sobre-prémio,  
A MUNDIAL põe-vos-há ao abrigo da

DOENÇA E INVALIDEZ

Companhia dos Caminhos de Ferro  
PortuguesesServiço especial por motivo da feira e tou-  
radas em Vendas Novas

Nos dias 20 a 22 de Maio de 1927

Por este motivo realizar-se-á nos dias  
20 e 22 do corrente um comboio especial  
de Vendas Novas a Setil com a seguinte  
marcha:

Vendas Novas, P. 21-30; Canha, C. 21-59;  
Lavr, 22-17; São Torcato (ap.), 22-36; Quin-  
ta Grande, 23-03; Coruche, 23-15; Agolada  
(ap.), 23-36; Marinhais, 0-08; Muge, 0-22;  
Morgado (ap.), 0-34; Setil, 0-45.  
Lisboa, 11 de Maio de 1927. — O Director  
Geral da Companhia, Ferreira de Mes-  
quita.

## Linhas de Leste e da Beira Baixa

A partir de 20 do corrente os comboios  
de mercadorias n.ºs 2461 e 2462 que actual-  
mente fazem serviço de passageiros de 3.ª  
classe entre Entrecampos e Covilhã, pas-  
sam a fazer o mesmo serviço apenas no  
percurso entre Abrantes e Covilhã.  
Lisboa, 11 de Maio de 1927. — O Director  
Geral da Companhia, Ferreira de Mes-  
quita.

## AVISO AO PÚBLICO

Tendo a Companhia dos Caminhos de  
Ferro Portugueses tomado o encargo da  
exploração das linhas do Minho e Douro e  
do Sul e Sueste, conforme contrato cele-  
brado com o Governo em 11 de Março de  
1927, previne-se o público de que toda a  
correspondência sobre assuntos referentes  
à exploração das linhas deverá ser dirigida  
para a sede da Direcção da Companhia, em  
Lisboa, estação de Santa Apolónia, ao seu  
Director Geral.

Na estação de São Bento, no Porto, tem  
a Direcção da Companhia um seu delegado  
e representante a quem o público pode di-  
rigir-se sobre os assuntos referentes às li-  
nhas do Minho e Douro.  
Lisboa, 15 de Maio de 1927. — O Director  
geral da Companhia, Ferreira de Mesquita.

## CONSELHO TECNICO

DA

## CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de  
todos os trabalhos que digam res-  
peito à sua indústria, tais como:  
edificações, reparações, impe-  
sas, construção de fornos em to-  
dos os géneros, fogões de sala, xa-  
drões, frentes para estabelecimen-  
tos e todos os trabalhos em can-  
tarias e mármore de todas as pro-  
veniências.

Telefone — 539 Trindade

Escritório:

Calçada do Combro, 38-A, 2.º

"A Batalha" no BUREAU DE LA

— PRESSE —

## Biblioteca de Instrução Profissional

## Elementos gerais

Algebra elemental..... 13\$00  
Aritmética prática..... 15\$00  
Desenho linear geométrico..... 12\$00  
Elementos de electricidade..... 30\$00  
Elementos de física..... 12\$00  
Elementos de mecânica..... 12\$00  
Elementos de modelação..... 12\$00  
Elementos de projecções..... 16\$00  
Elementos de química..... 12\$00  
Geometria plana e no espaço..... 13\$00  
Fabricante de tecidos..... 13\$00

## Mecânica

Torneiro e frezador mecânicos..... 15\$00  
Desenho de máquinas..... 25\$00  
Material agrícola..... 13\$00  
Nomenclatura de caldeiras e máquinas  
a vapor..... 13\$00  
Problemas de máquinas..... 16\$00

## Construção Civil

Acabamentos das construções..... 16\$00  
Alvenaria e Cantaria..... 13\$00  
Edificações..... 13\$00  
Encanamentos e salubridade das habi-  
tações..... 13\$00  
Materiais de construção..... 20\$00  
Terraplenagens e alarques..... 13\$00  
Trabalhos de Carpintaria..... 16\$00

## Diversas Indústrias

Condutor de Máquinas..... 20\$00  
Fogoeiro..... 16\$00  
Formador e estuador..... 12\$00  
Fundidor..... 13\$00  
Piloteiro..... 16\$00  
Indústria alimentar..... 12\$00  
Indústria do vidro..... 12\$00  
Galvanoplastia..... 16\$00  
Motores de explosão..... 20\$00  
Navegante..... 16\$00  
Cimento armado..... 25\$00

## História Universal

## do Proletariado

«Vinte séculos de opressão capitalista»

Esta publicação em língua espanhola que  
encontra a venda na nossa administração, é  
um livro histórico, documentadíssimo e detalha-  
do das lutas originadas pela designada social  
que sob formas diversas e variados alistas,  
perdura desde os primeiros alvares da civiliza-  
ção.  
Cada fascículo de 48 páginas, 12x, 2x.  
relo, registado, 1670.  
Estão publicados os seguintes fascículos:  
1.º — «La era de la esclavitud»;  
2.º — «La rebelión de Espartaco»;  
3.º — «Abolición de la esclavitud»;  
4.º — «Abección y Servidumbre»;  
5.º — «La revolución de los siervos»;  
6.º — «La miseria de los agricultores»;  
7.º — «Transformación del Poder Fudal»;  
8.º — «El comunismo cristiano»;  
9.º — «Los miserables en la Edad Média»;  
10.º — «La libertad ilusoria»;  
11.º — «La agonía del absolutismo»;  
12.º — «El trabajo motor universal»;  
13.º — «El imperio de la guilhotina»;  
14.º — «Las ideas sociales y la revolución fran-  
cesa»;  
15.º — «Los primeros tiempos del salariado»;  
16.º — «Hospitales, cárceles y asilos»;  
17.º — «Las crueldades de la burguesia repu-  
blicana»;  
18.º — «Los héroes de la Comuna»;  
19.º — «Horribles matanzas de Comunistas»;  
20.º — «La República Española y la class»;  
21.º — «La Primera Internacional»;  
22.º — «El socialismo ante el Parlamento espa-  
ñol»;  
23.º — «El futuro obrerista profetizado por Cas-  
telar»;  
24.º — «Pi y Margall confunde a los enemigos  
del socialismo»;  
25.º — «Los precursores del Proletariado mo-  
derno»;  
26.º — «Crueldades burguesas»;  
27.º — «Los mártires de Chicago»;  
28.º — «Muerie heroica de cinco proletarios»;  
29.º — «El proletariado en América»;  
30.º — «Los dictadores mejicanos»;  
31.º — «Conclusión».

## Edições SPARTACUS

A Teoria Libertária ou o Anarquismo,  
por Campos Lima, 3\$00.  
Entre Vinhedos e Pomares (novela), por  
Mário Domingues, 6\$00.  
No Sertão Africano (contos tradicionais  
indígenas), por Manuel Kopke, 6\$00.  
A' venda nas livrarias e na administração  
de A Batalha.  
Depósito: «Livraria Renascença»,  
rua dos Poiais de S. Bento, n.º 27 — Lisboa

## Arquivo do Enfermeiro

Publicação mensal de conhecimentos de  
enfermagem e pequena cirurgia; útil a to-  
dos.  
Assinaturas trimestre 6\$00 — Anual 2\$00.  
Pedidos à administração de A Batalha.

## Um livro interessante

Acaba de ser posto à venda  
uma bela obra de  
RICARDO MELLA,

## «IDEARIO»

que consta dum volume  
de 336 páginas dividido  
nos seguintes capítulos:  
Doctrina — Crítica Social — Educação  
Libertária — Tática — Evolução  
Revolução — Violência — Libertad  
Autoridad — Ensayos Filosóficos —  
Territorio — Ideas Iconoclastas — Moral  
Temas sociológicos — Pedagogia —  
Vida Española — Hombres Representa-  
tivos — Trabajos Polémicos — Lec-  
turas — Fragmento Inédito.

Preço 18\$00 — Pelo correio 19\$50

Pedidos à Administração de

«A BATALHA»

## A' venda na administração

## de «A Batalha»

Cartilha do homem do povo..... 5\$00  
Programa agrícola do Partido Ope-  
rário Francés, por Paulo Lofor-  
gne..... 5\$00  
Deus, o Diabo e o Homem, por Lou-  
renço da Silva..... 1\$50  
Cartas políticas, por João Chagas,  
diversos números, cada exemplar..... 1\$00  
A Humanidade, por Tarai Javol..... 1\$50  
O Abortamento, pelo Dr. Confeymon  
e I. Budin..... 2\$00  
Monarquia Jesuítica, por Melchior  
Zuchoter..... 2\$00  
Os lavros, por Fialho de Almeida, os  
três primeiros números da 2.ª série  
O Mitrismo, pelo prof. Almeida  
Paiva..... 2\$50  
Os Crimes da Sacristia, por Alexan-  
dre Barbas..... 3\$00  
A Religião da Humanidade, por José  
Augusto Corriça..... 3\$50  
A Filologia perante a História, por  
Nobre França..... 5\$00  
Os direitos do Estado, por A. Levisse  
Tefilo Braga, traços biográficos por  
Francisco Simões Botelho..... 3\$00  
O que é o socialismo, por E. Soisson..... 1\$50  
O corpo humano, por A. Levisse..... 2\$50  
Gravidez e parto, pelo dr. Desvur-  
meaux..... 1\$50  
Os primeiros socorros a doentes,  
por A. C. Barroso da Silveira..... 2\$00  
Determinação do valor físico do  
adulto, por A. C. Barroso da Sil-  
veira..... 1\$50  
O concílio de Trento e a Civilização  
Moderna, por Alexandre Barbas..... 3\$50

## Acaba de ser posto à

## venda mais um volume

## do formidável romance

## histórico

## "Os Mistérios do Povo"

O volume VI, como os  
anteriores, é artística-  
mente encadernado, ao  
preço de 10\$00; pelo  
correio 11\$00. Dirija  
todos os pedidos à nossa  
administração.

## Edições de A SEMENTEIRA

Práticas neo-maltusianas..... 5\$00  
O sentido em que somos anarquistas..... 5\$00  
A peste religiosa..... 5\$00  
A Liberdade..... 5\$00  
Pedidos à A BATALHA  
ou no Caixa Sodré, 82

## O Sindicalismo Revolucionário e a

## Organização Operária

Por Rodolfo Rocker. Fugoso escritor e um  
dos maiores oradores da Alemanha, mem-  
bro da A. I. T. Folheto com 32 páginas,  
com um esboço biográfico do autor: Preço  
1\$00.

Pedidos à administração de A Batalha.

A revolução Social e o Sindicalismo

Por Arkonof. Preço 1\$50.

"A Batalha" vende-se em todas  
as tabacarias

campanhas. Chamavam-lhe camarada, amigo, diziam-  
lhe que tinha muito talento, e estas boas impressões  
compensavam as más que recebia do lado oposto. A  
medida que crescia a reputação do Mundo Novo o jo-  
vem architecto ia adquirindo novos inimigos. Os últi-  
mos que se lhe declararam foram um grupo de inte-  
lectuais da burguesia, de idéas mais ou menos radi-  
cais, de quem não fizera caso algum. Pouco tempo  
depois, a estes se juntaram novos adversários. Eram  
as intellectualidades operárias que, invejosas do pres-  
tígio e da obra de Luis, começaram a criticá-lo. Com  
o fim de o guerrearem, esses redentores de exibição,  
vaídos e insensatos, não encontraram outra coisa  
melhor do que publicar periódicos e fôlhas soltas con-  
tra Luis e o Mundo Novo. No entanto, não consegui-  
ram deslustrar, um ápice, nem o prestígio do archi-  
tecto, nem a tiragem da sua revista, e os jornais que  
os seus inimigos publicaram, com esse fim, deixaram  
de existir pouco tempo depois.

O público correspondia admiravelmente a quantas  
iniciativas tomava o Mundo Novo e a todas as cam-  
panhas humanitárias que fazia.

Notando, com certo receio, as classes abastadas e  
a imprensa clerical, a influência que Luis e o seu jo-  
rnal exerciam sobre as massas, principiaram a dizer  
que ele enriquecia explorando os trabalhadores; que  
possuía um prédio seu e passava de carruagem. Os  
inimigos do jovem architecto, que eram os oradores e  
os escritores do operariado, bem sabiam que era men-  
tiroso o boato da imprensa, mas, como lhes convinha  
ao fim das suas mesquinhas ambições, os intellec-  
tuais do operariado fizeram côm com os reaccionários,  
publicando novos jornais e folhas soltas contra Luis.

Entretanto, o jovem architecto julgava que a cam-  
panha que contra ele se fazia era obra da inveja e da  
impotência de meia dúzia de charlatães, e contentou-se  
com o arremeter orgulhosamente contra todos, e con-  
tra todos pôde o Mundo Novo; porém, a calúnia co-  
meçou a encontrar eco nas pessoas de boa-fé, e, en-  
tão, ainda que o Mundo Novo mantivesse firme a sua

circulação, não querendo tolerar uma tão grande in-  
justiça, resolveu, depois de ser consultada Catarina,  
deixar de se publicar o Mundo Novo.

Foi este, para Luis, o golpe mais profundo da sua  
vida. Empregara-a toda na publicação de um jornal  
que defendia os humildes e via-se obrigado a matar o  
periódico, porque os humildes, ingratos, proclamavam  
que eram explorados.

Nesse momento, Luis chegou a duvidar de tudo.  
Viú a pobreza do mundo moral e a sua alma atra-  
vessou por largo tempo uma dolorosa crise moral.  
Custou-lhe grande trabalho poder folhear um jornal  
dos chamados radicais. Todos lhe causavam horror.  
Na assinatura de qualquer coluna via um ingrato ou  
um traidor, porque, segundo o modo de pensar de  
Luis, todos os que escreviam na imprensa radical ou  
falavam nos comícios populares, uns directa e outros  
indirectamente, por omissão ou preguiça, tinham con-  
tribuído para o aumento das suas amarguras. Pouco  
tempo depois, Catarina dava a luz uma menina for-  
mosíssima. Mas em que situação! Tinham-se aca-  
bado as economias, todos se afastavam dos amantes  
que careciam de todo o meio de vida. Para onde di-  
rigir a sua actividade? Não o sabiam. Idéas negras  
sulcaram a mente de Luis. Que mundo era aquele  
que media pela mesma bitola os bons e os maus, os  
apóstatas e os abnegados? Algumas vezes Luis pen-  
sava que não valia a pena ser-se inteiro, consequente  
e honrado para acabar confundido com os farçantes.

Nesta situação, sem dinheiro e sem meios de ga-  
nhá-lo, Luis dirigiu-se a vários amigos em busca de  
apoio, trabalho e ocupação; porém, uns porque jul-  
gavam prejudicar-se protegendo um homem como  
Luis, e outros porque são amigos dos seus amigos,  
todos se esquivavam com desculpas às necessidades  
de Luis. Assim o pobre rapaz viu-se obrigado a re-  
duzir os seus gastos a mínima expressão.

Vendeu e empenhou o que tinha de valor; mu-  
dou-se para um quarto de vinte pesetas mensais e  
contraiu algumas dividas. Para cúmulo de infelicidade,

anunciado. A's dez e meia, o número dos que espe-  
ravam atingia já uns trezentos. O jovem architecto,  
com o fim de convocar aquela reunião que esperava  
fosse numerosa, publicara fôlhas que foram distri-  
buidas, antes da noite, nos centros operários e tivera  
que vender até os colchões da cama para reter o  
dinheiro com que pagar o local e os demais  
gastos.

Decorreu já meia hora depois da convocada e  
vendo que a concorrência não aumentava, Luis subiu  
para uma cadeira e disse:

— A pesar da concorrência não ser muito nume-  
rosa e como já são horas de principiarmos, começarei a  
minha tarefa.

Neste momento, acorreu-se um sujeito, dizendo:  
— Não está presente ainda o delegado do senhor  
governador, e é necessário esperar.

— Mas, se são já onze menos um quarto — retor-  
quiu Luis — e o comício estava marcado para as dez  
horas.

— Mas há aqui pouquíssima gente — retorquiu o  
mesmo sujeito — e o delegado não veio ainda: o se-  
nhor pode esperar até as onze.

Luis esperou até as onze horas, mas a essa hora  
nem tinha ainda vindo o delegado nem a concorrência  
aumentava.

A's onze horas e cinco aproximou-se o sujeito de  
há pouco para lhe dizer:

— Já aí vem o delegado. Agora, ou suspende a ses-  
são por falta de assistência ou já pode começá-lo.

Luis, ao ouvir as palavras de «ou suspende a ses-  
são», aterrorizou-se. Para convocar o comício tivera  
que roubar o pão a sua filha e os medicamentos a  
Catarina, e agora diziam-lhe que podia suspender.  
Evidentemente aquele homem estava doido.

A assistência começou a inquietar-se. O delegado,  
ao chegar, disse:

— O que se faz?

— Estávamos a sua espera; com sua licença vou  
começar — retorquiu Luis.

Catarina adoeceu em consequência dos desgostos so-  
fridos e Luis encontrou-se sem recursos, no meio do  
mundo, só, abandonado, com uma filha a sustentar e  
uma mulher doente.

Restava na alma de Luis uma certa esperança. Era  
mais um esforço na sua grande vontade do que uma  
realidade material. O seu optimismo resistia aos reve-  
ses da realidade, até o último reduto! Mas para onde  
dirigir-se em busca de um ponto de apoio que lhe  
servia para ter fé alguma coisa?

Catarina disse-lhe um dia, tristemente, mais para  
animar a sua alma do que com fé no que dizia:

— Porque não te diriges ao operariado, directa-  
mente, de viva voz?

— Mas o jornal que publicávamos? — replicou  
Luis.

— Dirigiste-te aos que sabem ler e escrever, mas  
nunca te dirigiste, já com a tua presença, já com a  
tua palavra, aos operários, a ralé.

— Um comício? — perguntou Luis, como se na-  
quele momento se houvesse aberto uma janela no seu  
cérebro, inundando-o de luz.

— Sim, um comício, convocando a todos, em par-  
ticular aos que são inteiramente pobres e expôr-lhes  
as tuas idéas e os teus projectos.

E Luis, que possuía uma alma quixotesca, e para  
a qual os revezes se convertiam em pouco tempo, em  
acidentes naturais e correntes, convocou o operariado  
para um comício.

As dez horas da manhã de um domingo de maio,  
encontravam-se reunidos no Frontón Central de Ma-  
drid uns duzentos operários que esperavam o mo-  
mento de Luis começar uma conferência que havia





## A PROPOSITO

## A educação moral das crianças

## Os efeitos do exemplo dos pais

Muito bem; o que acontece? Acontece o que a grande maioria dos pais e das mães constata quando é demasiadamente tarde, isto é, quando o mal está feito.

Acontece que as crianças são as vítimas inocentes dos defeitos, das contradições, das inconseqüências, de todos os erros, enfim, dos pais. E estes pais mostram-se, por causa disso, sinceramente ou hipocritamente admirados. E reagem por meio de ralhos e, muitas vezes, de sopapos, açoites e castigos. Castigam as vítimas inocentes como se elas fossem culpadas. Castigam-nas, afinal, pela sua adoração filial.

Consciente ou inconscientemente, com efeito, segundo os casos e as idades, as crianças procederam conforme o exemplo dos pais, e constatam, pelas reacções do pai e da mãe, que fizeram mal, e que não se deve proceder como eles.

Quando se deve imitar o pai e a mãe?

Quando não se deve imitá-los? Todo o problema da educação pelo exemplo está nestas duas perguntas angustiosas.

Quando os pais são, para as crianças, modelos almitir em certos casos, e modelos não imitar noutros casos — e é esta a situação vulgar — as crianças vivem na incerteza, na confusão moral, na imoralidade. Na imoralidade estabelecida, organizada pelos próprios pais, seus naturais educadores!

A medida que os dias passam, que a experiência vem, que os castigos se sucedem, as crianças adquirem, a respeito dos pais, três noções, das quais duas são lamentáveis.

Primeira: existe o bem e o mal; segunda: o bem e o mal não são iguais para os pais e para os filhos; e depois mais tarde, quando a experiência é mais vasta e profunda, uma terceira noção se fixa, mais lamentável ainda do que a segunda, noção enganadora e prejudicial à consciência infantil: o bem é o bem; o mal é o mal e iguais por toda a gente! Mas o pai e a mãe não fazem sempre o bem. O pai e a mãe exigem o bem que eles próprios não praticam. O pai e a mãe praticam o mal que nos proíbem e pelo qual nos castigam.

Não é justo. Quem os castiga a eles, quando não praticam o bem ou quando praticam o mal?

A sugestibilidade das crianças, isto é, a sua propensão natural a serem influenciadas sem darem por isso, isto é, também a sua tendência natural para a imitação e sobretudo para a imitação dos pais, inaugura assim a educação moral na família.

E' uma lei natural à qual os pequeninos não podem subtrair-se, e à qual não se pode subtrair-los.

Ela vale tanto, para as crianças, em resultados, como as influências recebidas, os exemplos seguidos.

A inconseqüência dos pais Por consequência, quase tudo está no exemplo.

Certos pais dão pelo facto. De boa fé acabam por compreender que a situação é séria e que é preciso providenciar sem demora. Outros, menos alarmados por serem menos clarividentes, pensam que só então a sua tarefa educadora começa. As crianças, até agora, eram tão pequenas, tão inocentes! As suas gracinhas, as suas reflexões, as suas palavras faziam rir! Achava-se-lhes espírito. Causavam admiração.

Mas eis que cresceram e se desenvolveram, e manifestam tendências que é necessário combater.

Serão combatidas.

Sim; mas tanto para uns como para outros, será preciso muito trabalho, será preciso tornarem-se melhores, para anularem os hábitos infantis defeituosos, para corrigirem uma linguagem viciada, para fazerem desaparecer as más tendências, e, sobretudo, para afastarem da memória impressões que ali se instalaram fortemente.

Os pais colocaram os filhos numa atmosfera moral mediocre.

Nada ficará mudado, se não substituírem radicalmente o mau pelo bom exemplo, se não se tornarem bons modelos contrapondo-se aos maus, aos detestáveis modelos que eram.

Benoit BOUCHÉ

"Educação Social"

Revista de pedagogia e sociologia

Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA

## CARTA DO PORTO

## A má qualidade do pão — Os católicos e a "Semana da Criança"

PORTO, 15.—O pão! O pão constituiu sempre a principal arrelia de quem não o possui em abundância, ou lhe falta inteiramente na alimentação que, devendo ser cotidiana, para muita gente apenas tem foros de eventual.

Neste período excepcionalíssimo que transpomos dificilmente, e carregados, quais económicos e sociais moços de fretes, com uma pesada incógnita acerca do futuro tremidíssimo—o pão já não é só o eterno quebra cabeças dos pobres que ininterruptamente seiscam na forma de adquirir consoante as necessidades da prole a satisfazer; também, presentemente, está sendo uma transitoria consumição para aqueles mesmos que o podem mercadejar com relativa facilidade.

A princípio todos julgaram que a mistura do tipo único lotada com os 50% de farinha milha, ficaria uma coisa escapatória para a harmonia dos estômagos sensíveis. Mas, com a prática destes dias já decorridos, verifica-se que o fruto do regime panificável adoptado por passageira excepção, pouca diferença faz do pão borbo, a não ser no seu preço que é de 1\$48 o quilo, enquanto a borbo autêntica é de 1\$40...

Que suspiros pelos tempos áureos do pão alvo! Comparado com a mistura reinante, que nem é farinha de 1.ª, nem de 2.ª, nem bem de milho, o nosso querido molete de outras épocas era um pão divino, um pão do céu, um olímpico alimento primeiro que sempre bem condisse com o chá ou com o café, jamais irritando as propriedades digestivas dos estômagos fracos, essencialmente os das crianças...

E que de pragas disparadas sem ponto de mira, ao acaso, mal dizendo a má sorte, a péssima estrela, que nos guiou imprudentemente para esta desdita, conquanto a prazo curtíssimo, da falta de farinhas de boa qualidade!

E isto num país de clima tão doce, de terrenos tão aráveis, que podia constituir um Eden largamente arborizado e de abundantíssima fiação para dar e vender, se não presidisse o império do bom senso e do interesse geral, em lugar do egoísmo particularista e do desleixo das classes predominantes...

Assim, tem de estar perpétuamente sujeito às sobras do estrangeiro e à deligência ou incúria dos que estiverem incumbidos da importação daquilo que precisamos mandar vir de fora, quando poderíamos ter a dentro de portas!

Os almoços—oh! os almoços de outrora!—são bebidos acompanhados com borbo. Já devem saber que para o norte chama-se almoço ao café ou chá que se ingere de manhã antes de se ir para o trabalho ou mesmo na oficina, quando as exigências do serviço ou da exploração reclamam a presença do operário quasi de madrugada! Como a sêma e o trigo não faltam, esse café ou chá é polvilhado com o migalamento de miolo de borbo. As côdeas desempenham o papel enganador de deliciosos biscoitos de tosta.

Mas se há criaturas felizes que são proprietárias de uns intestinos fortes e não estranháveis a qualquer comida que nelas se meta, há outras que estão em desigualdade de circunstâncias físicas.

Daf, seguir-se à ingestão do primeiro alimento—ilude meninos, a imediata volta à barriga, muitas vezes instrumentada com a saída ruidosa de gases acumulados...

Ah! se soubessem os mimos com que nestas ocasiões de revolta entérica se brindam às causas e aos causadores deste mal-estar ventríco e social, ficavam tolhidos pela mais penosa das perplexidades... A boca da espantada rasgava-se até às orelhas em filamentos auditivos!... Não dizemos... nem podemos tampouco.

E' claro que as pessoas que não estão habituadas a betumar o abdome com o esfarelamento da borbo, para evitarem as enterites agudas e os conseqüentes borbo...

## NA VILA DE POMBAL

## Um julgamento e a moral da justiça burguesa

Já vai longe o tempo do feudalismo, período em que as desigualdades sociais mais se acentuavam, em que o senhor era dono absoluto de tantas e pavorosas alimárias, que pavorosamente suportavam o seu jugo.

Já se perderam de vista as dinastias dos tiranos e no nosso tempo só são possíveis os imperios dos cobardes!

Lados os gestos de reivindicação desfalecem ao péso da força trânica, força menos inteligente, máscara da cobardia moral e física.

O favoritismo impera e continua a reinar vergonhosamente em todos os campos, a sombra criminoso da lei do menor esforço, à margem de um caudal de comodidades.

A sociedade, infelizmente, continua usando as mesmas fórmulas de orientação e governança, e, por isso, os escândalos de toda a espécie que outrora eram um "modus vivendi" natural, presente mente são a vergonha de toda a consciência limpa que os admite.

E se é certo que o estado de cobardia mental faz enfermar a sociedade dos grandes centros, não é menos certo que ela avassala também a população dos pequenos lugares. Pombal, risonha vila do mar, do mesmo nome, é actual feudo de iniquidades, é presente mente teatro de profundos ódios, onde os comparsas pululam como milhões de germes produtores da repulente e nauseante gangrena social.

Está sendo esta pacífica vila o cenário de um drama social, onde o pormenor grandemente desolador é um caso que nos enche de calafrios e revolta superiormente o espírito.

Representa a cena um tribunal devidamente constituído para julgar um processo de pequena monta—um processo correcional—que vem sendo vergonhosamente empatado há aproximadamente dois anos.

rigmos, prescindem do almoço, contentando-se com o partido de saber a certeza que os ricos, almoçando de garfo, podem tomar o seu leitinho com bolachas ou melindres... Embora, para satisfação melhor, saiba que muitos, não querendo deglutir biscoito azedo ao jantar, se vêem forçados a entrar pela borbo dentro...

E então pergunta-se, muito inocentemente: Quando terminará isto?

Os católicos não se mostram lá muito partidários com a *Semana da Criança*, pela forma como ela é efectuada. Acham-na incompleta e herética. Está fora das normas da religiosidade. Não pode, portanto, ter a consideração devida e franca dos sinceros crentes na omnipotência de Deus e na infalibilidade indiscutível do papa.

Não são de todo adversários da ideia da *Semana da Criança*. Não discordam das preleções nas aulas—mas elas deviam ser sobre o ensino religioso... Não contrariam o espectáculo dos cinemas—mas os filmes deviam ser essencialmente católicos, sobre cenas bíblicas e aspectos curiosos da vida de Cristo...

Não contrariam a representação de qualquer comédia ou drama, mas desde que tenha a vinculação a uma justificação da Igreja. Não se deve levar a cena o *Segundo Pedro*, passagem de um episódio da *Vida de Cristo* de que se serviu um amor dramático para, dando sinal a um paraceiro feito na vaca, fugir com o dinheiro da bilheteira, deixando os espectadores e demais artistas eternamente à espera do Rabi e de S. Pedro—mas pelo menos seria de boa moral apresentar-se em ribalta um entre-acto de resultados fraterais, principalmente para meninas, facilitando-se os rapos de donzelas para os coios jesuíticos de Espanha...

Não é de todo destituida de poesia a reunião das crianças nos jardins ressendo a perfumes vários; mas mais emocionantemente poética se tornava, se em vez de se ensinar que as formosas plantas dos jardins são obra magnífica da Natureza e do cuidado carinhoso dos botânicos, dos jardineiros—se dissesse que são devido à obra e graça de Deus, ser sobre natural que, possuindo um imensurável armazém de conhecimentos enciclopédicos, também é sabido em tratados de fragrantas floriculturas em cruz. E se, em vez do hino nacional, ou qualquer canção apropriada para a festa das crianças, se entoasse o cântico do *Benedito* e se berrasse a *Carla*, isto é: o hino do rei...

A confraternização das crianças de todas as escolas acham-na entenebrecida—mas profundamente de maiores encantos seria, se se aproveitasse a oportunidade para aplicar à infância a lenda que atribui ao Salvador cristão o chamamento a si dos miúdos do seu tempo. E se, ao distribuírem-se as prendas, elas fossem, pelo menos em grande parte, alusivas a motivos fanáticos...

Emfim, a *Semana da Criança* seria uma grande semana, para a sua vida, para a sua família, para a pátria e para a religião—se todos os actos comemorativos terminassem pela apoteose duma *Comunicação Geral* de todas as crianças—e até adultos, para darem exemplo aos filhos, podendo esta parada de *cristofogias* realizar-se no Palácio ou no Monte Pedral, visto já ser sítio bastante histórico como berge da Traulitânia.

Além de *Semana da Criança* ficaria sendo a *Semana da Eucaristia*... de *cristológico* tipo único...

Não pense que isto é graça nossa. Não, não é. Ouvimos esta opinião a umas santas criaturas católicas—pelo que transmitimos os seus disparates arrogantes, pelo que comunicamos que muitos fanáticos não olham bem a *Semana da Criança* tal qual ela é...

Diógenes de SINOPE

ASSINEM Os mistérios do Povo

Ao centro, fundo, ergue-se a presidência, o dr. Pires Soares.

A esquerda, fundo, está, na sua banca, o delegado do Ministério Público, dr. Agostinho Mesquita, um novo que confia, talvez, em poder aliar à sua missão, a defesa da verdade e da justiça.

Seguem-se-lhe, lateralmente, para a esquerda, as bancas dos advogados, dois de acusação: drs. Fernandes Martins e Marques Loureiro; e quatro de defesa: drs. Paulino da Costa Santos, Miguens e Lopes Quaresma, faltando o dr. João Eloy.

A direita ali, lateralmente, a mesa da imprensa: *A Voz*, o *Primeiro de Janeiro* e *Imparcial*—e ao centro, os reus: dr. Joaquim Pimentel, advogado e notário; Vitor Marques, funcionário público; Amadeu Leão, Joaquim da Costa e Amadeu Lobo.

Em linhas gerais, o entrecho romântico pouco nos interessa, voltando a sua história à roda de um escândalo familiar: a fuga duma esposa do lar conjugal, donde arrebatou, consigo, aos carinhos do pai, João das Neves, os filhos que este estremece, e depois, grávida, a sua condução pelo dr. Pimentel, seu irmão, para a sua casa de Pombal.

João das Neves, o agredido, marido da fugitiva e pai de três crianças de tenra idade, pai a quem a saúde de seus filhos chamou uma dor profunda, procurou, depois, insistentemente, vê-los para mitigar e diminuir o seu sofrimento.

Ultimamente, quasi depois de três meses de separação forçada, e devido à humanidade de uma sua tia, João das Neves foi autorizado a ver da rua dois dos filhos mais velhos, sendo o mais novo, o que ele ainda não conhecia, presumivelmente, arrancado violentamente dos braços desta senhora quando ela pretendia mostrá-lo ao pai.

Sensibilizado João das Neves pela gentileza dessa boa alma que soube avaliar a sua dor, quis pessoalmente agradecer-lhe, e quando, respeitosamente, se inclinava para a porta de um automóvel, cumprimentando-a naturalmente manifestando-lhe os protestos do seu mais profundo reconhecimento, foi interrompido pelo réu Pimentel que o insultou, e não satisfeito com isso, se lhe agarrou à gola da capa, enquanto os restantes comparsas da agressão surgiam, esbofetavam e arremessavam por terra João das Neves, que, vindo-se enlameado e ferido, clamou por socorro.

Entretanto o automóvel pôs-se em marcha, deixando o pobre João das Neves, sem mais recursos, a não ser a sua própria força.

## CRONICA DE COIMBRA

## Como o "Smart Club" procura aproveitar-se da regulamentação da batota

COIMBRA, 17.—O nosso último artigo sobre este assunto alcançou um êxito, que digamos com toda a nossa franqueza—estávamos muito longe de esperar. Os exemplares de *A Batalha* esgotavam-se num instante. Os jornais da terra, seguindo o exemplo do nosso jornal, romperam fôgo, por sua vez, contra o covil de gatunos que tem a sua sede na rua Eduardo Coelho. O *Correio de Coimbra*, órgão do círculo católico de Coimbra, transcreveu o nosso artigo, e um grupo de cominbricenses reeditou-o num panfleto que foi pôsto a circular nesta cidade. Das bandas da quadrilha que se acotia nas alforjas do *Smart Club*—onde continuam a obra sinistra dos seus ancestrais, que teriam sido salteadores no Pinhal da Azambuja—não nos faltou também o prêmio com que os covardes costumam galardear o desassombro dos destemidos: nas asas duma carta anónima veio até nós a promessa de premiar com a fraturação das nossas costelas o arrojo inaudito de irmos interromper os *Smart Club* calabrezes no seu macabro festim e na sua faina tenebrosa de subtrair a carteira aos ingênuos que atraem aos seus antros.

Nós, porém, demasiado scepticos da coragem daqueles a quem a labareda dum Ideal não ilumina na batalha da vida, não nos deixamos assustar pelos trágicos avisos que nos chegam das fúrnas dos civilizados salteadores. E, animados pelo sincero incentivo dum e pelas cómicas ameaças doutros, por entre o ténico uivar da ávida canção, que nos abre medonhamente a boca, mostrando-nos a fileira dos dentes amarelados pela febre entontecedora do ouro, nós vamos prosseguir, sem temor, nesta campanha profligadora de misérias ascorosas e de vícios ruins.

## O antro

O *Smart Club*, fundado por meia dúzia de cavalheiros de indústria, que, a miude, e com atitudes de pessoas honestas, alardeiam o seu profundo amor ao progresso desta terra, é, repeti-mo-lo, uma das muitas cavernas elegantes, onde, neste luminoso século XX, se alforjam os netos civilizados dos bandoleiros calabrezes. Ali, naquele club distinto, frequentado pelo que ha de melhor na parasitagem elegante cá do burgo, meia dúzia de espertalhões vivem do exercício da sua honrosa e legal profissão.

Ali, por habéreis processos prestidigitais, com o valioso auxílio duma scia "manicurer", que dá ao antro as características de *ratoteira*, e com a nada despendida cumplicidade dum jazz-band infernal e ensurdecedoramente protector, conseguem os *barbilongos* e os *vesgos*, monopolistas da batota coimbrã, por meio de todas as *cunhas* e de todas as *água mornas*, subtrair, impunemente, as físticas e as gordas carteiras daqueles, cuja curiosidade, dentro em pouco transformada em vício, os ruídos da bacanal ali atraem.

Constituem a scena as mesmas mulheres, que lá vão pôr o corpo de alqueir; os mesmos lacaios, executando magistralmente as espinho-dorsais curvaturas, à entrada dos penetrais; o mesmo aziaço pano verde, sobre o qual rolam, indiferentes, as bolas da sorte e as bolas do azar; as mesmas vítimas que estão languidamente semi-dormentes no regaço das *borboletas*, que os hipnotizam para facilitar aos prestimios a obra final de escamoteação, ou de olhos imobilizados no movimento giratório da roleta, ao lado da qual amontoam, esperançada, alguma quantia; e a completar a scena, o ruído do jazz-band martirizador do dormir reparador da vizinhança laboriosa e providencial abafador dos gritos lancinantes das vítimas que opõem alguns esforços aos desejos fraudadores dos *benemeritos* e *desinteressados* propulsores do progresso coimbrão...

## Olvida-se a dignidade dos pobres...

Para colorir a pfula da sua reputação, por mãos tão duvidosas abonada, os empregados do *Smart* têm nos últimos tempos, abnegadamente, feito ofertas de dinheiro, brotado de tão escura fonte, às casas de assistência desta cidade.

E' este um velho estratagemma praticado...

cha. Os réus negam o delicto que lhes é imputado.

Os depoimentos são, porém, esmagadores para os réus; a opinião pública sublinha por vezes o seu descontentamento com hipóteses transcendentes; as afirmações dividem-se conforme a moral de quem as dita.

E o amor de um pai, faminto do amor de seus filhos, trazendo no morticódo olhar, bem visível, bem vinculado, o estigma terrível e cruetante da enorme revolta que lhe vai na alma, é desrespeitada por leis que julgam o facto testemunhal, embora muitas vezes traíndo a verdade e coibindo-se de enfrentar a razão.

Convençidos estamos de que as partes estão inteiramente a par da verdade. Portanto, pouco nos resta dizer das afirmações mais atrevidas, que fariam corar de vergonha o maior criminoso; todavia à guisa de esclarecimento e para todos ilucidarmos de esclarecimento de la monstruosidade do drama, deixamos estas palavras isoladas, frias e sinistras, que chegaram aos nossos ouvidos:

«Se tudo vier a dizer-se... Nos próximos dias 27 e 28 do corrente, assistiremos ao último acto e ao seu epílogo. Deixaremos, por enquanto, ao critério do tribunal, o arbitrio desta causa.

No entanto, lá estaremos para ouvir a pronuncia da justiça, muito embora o nosso juízo e o juízo do honesto povo do Pombal sejam unânimes em declarar que João das Neves foi, de facto, agredido, e agredido selvática e covardemente, e que, nestas condições, só por um complacente e protector capricho do tribunal, os réus—que são gradados—poderão escapar-se pelas malhas da justiça, que tão apertadas são, para os fracos, os pequenos, os pobres, que nelas têm a desdita de cair.

Mas isto não será difícil de conseguir-se, mercê da descarada imunidade de que sempre gosaram as classes oligárquicas...

Maio de 1927.

Alberto de ARAÚJO.

A CUBA DAS DONÇAS PELAS PLANTAS, livro útil a boas donas de casa. Preço 2\$00: pelo correio, 2\$50.

por aqueles que pretendem justificar a sua função parasitária e antipática e dar-lhe um verniz de legalidade, que a acredite como instituição indispensável ao bom funcionamento da sociedade.

Assim têm procedido as empresas que exploram as corridas de toiros, onde são martirizados estes animais, para gáudio duma multidão sem sensibilidade, sanguiscenta e sádica.

E' assim que procedem, agora, estes *filantropos*—tartufos que se devotam, com igual dedicação, ao progresso desta terra, às obras de caridade e à sua engorda, feita à custa duma ignóbil escamoteação.

Em muito pouca consideração têm esses cavalheiros a dignidade dos pobres!...

## O drama duma vítima

O caso que vou referir-vos não é original. Quasi diariamente vêm à supuração dramas e tragédias deste género, que têm a sua gênese no tenebroso antro, conhecido pelo nome de *Smart Club*. O protagonista obscuro deste drama gerado naquele ambiente preenhe de miasmas de vício, onde os atraíram suas criaturas repelentes, conhecidas pelo epíteto de *chocas*, cuja missão é a de arranjar vítimas, esteve prestes a resvalar no precipício da loucura e, deste, no abismo do suicídio.

Ele é um rapaz honesto e laborioso, em quem a atracção do atoleiro por um momento produziu uma turvação vesânica, fazendo-o gastar ao jôgo três contos, que não eram dele, e que foram cair, por artes misteriosas, nas algebras—fundas cavernas de Caco—dos proprietários da luxuosa *ratoteira*. Salvou-o do suicídio o gesto magnânimo da criatura a quem a importância pertencia, que a perdoou generosamente, ante a atitude contrita e abatida do moco.

Os bandoleiros continuam, indiferentes às tragédias que provocam, prosseguindo na sua obra de dissolução, jactando-se da sua admirável obra de filantropia. E, depois, somos nós, os anarquistas, os que clamamos contra a onda de imoralidade em que se submerge a sociedade capitalista, quem é perseguido e preso como propagandista de teorias dissolventes!

Embora contundidos com a sua modestia, publicaremos aqui num dos próximos números os nomes destes prestáveis cidadãos, para que toda a eterna gratidão...

Perdêmos a inextinguível modestia dos abnegados pioneiros do progresso cominbricense, mas não encontramos melhor maneira de galardear a sua adorável e cândida solicitude... Coimbra irá, pois, conhecer, dentro em pouco, os seus anónimos e generosos servidores!...

## Um ex-empregado do Eden-Teatro da tenebrosa Traulitânia, que é hoje empresário do "Smart"

Dentre o elenco dos larapiadores do recheio da alheia carteira, sobressai um cavalheiro que, mercê das suas excepcionais circunstâncias, merece que nos antecipemos a fazer-lhe referência. E' um tal senhor Cunha Santos, ex-empregado do sinistro Eden-Teatro, de tenebrosa e traulitânica memória.

Segundo nos informam, este cavalheiro de indústria já por mais duma vez experimentou no costado das vítimas do *Smart Club* os processos inquisitoriais praticados no reino da Falperra do Norte. Os gritos de dor das suas vítimas de hoje são abafados pelo protector *jazz-band*, como os de ontem o eram pelo som infernal do trágico piano.

Este *benemerito*, ex-empregado do Eden-Teatro, preso pela Constituição, evadido da Penitenciária, e hoje capitalista, banqueiro e gerente do *Smart*, afirmou a alguém, que nos informou:

«Se *A Batalha* continua escrevendo contra o *Smart*, farei com que o correspondente esteja à sombra os dias que eu quiser. O comissário adjunto desta cidade e meu amigo particular e político, e, por isso, cumprirá, sem hesitar, as minhas ordens!»

Não é preciso comentários. Ficamos aqui, por hoje.

Pedro MONIZ

## Solidariedade

A comissão da festa das camaradas sinistradas da Escola Machado de Castro pede a todos os camaradas que venham fazer as suas contas de bilhetes à secção profissional dos pedreiros todos os dias, das 8 às 9 horas, pois que se encontra uma comissão permanentemente na respectiva sede.

—Comunicamos José Ribeiro que lhe foi entregue pelo camarada João Caldeira a quantia de 5\$800, produto de uma quebra aberta nas obras do Novo Manicócio de Lisboa.

—A comissão de auxílio a Ermelinda Costa, companheira de Filipe José da Costa, pede a comparencia hoje, pelas 21 horas, na sede da Construção Civil dos camaradas Manuel Henrique Rijo e Torcato, dos manipuladores de pão, para assunto urgente.

—José Rodrigues Aparício declara que lhe foi entregue pelos camaradas Joaquim Marques e Flaviano de Carvalho, a quantia de 2\$900, produto de uma quebra tirada em seu auxílio entre o pessoal da fábrica J. Lino, em Santos, e 3\$850 dos camaradas que trabalham nas obras das Encomendas postais.

## Terrenos a 550 por metro quadrado

VENDE-SE, em local muito saudável, estando já escolhido um lote para a construção de um sanatório, a 5 quilómetros de Sintra e junto das estradas de Cascais e Carcavelos, próprio para fazer um esplêndido bairro.

Há lotes de 500 metros quadrados com frente para a estrada a 250\$00.

Informes: rua das Gaivotas, 19-A.

## ECOS DA REVOLUÇÃO

Foi ontem restituídos à liberdade o nosso camarada Valentim Adolfo João, das Minas de São Domingos que se encontrava há mais dum mês detido no Governo Civil desta cidade, sob a acusação de professar ideias anarquistas.

## Sobre organização

IV

## Estádio militar-autoritário

E', pois, neste aspecto guerreiro das sociedades primitivas que nós vemos o início da divisão das sociedades em duas castas ou classes, — vencedores e vencidos, espartanos e ilotas, patrícios e plebeus, suseranos e vassallos, clero-nobreza e povo; burgueses e proletários, superiores e inferiores, e este dualismo antagonístico prolonga-se e intensifica-se até hoje.

Uma vez criadas as classes sociais a classe guerreira, oligárquica, tende a usurpar todas as manifestações da vida colectiva e individual. A sua interferência torna-se assombrosadora, avassaladora.

Todas as vezes que os indivíduos experimentam uma necessidade social, se reúnem para obter as utilidades indispensáveis à sua satisfação, — a chamada classe superior, com o pretexto de regularizar o assunto, intervem e dá-lhe o seu carácter, o seu estigma de violência, de despotismo. Esta intervenção duma classe sobre a vida daqueles que lhes estão subordinados, em nome duma pretendida e histórica superioridade é o que se chama a autoridade, o governo, a defesa social (?) contra os indivíduos.

E' por isso que todos os agregados sociais que se vão formando dentro de cada sociedade assumem na sua primitiva fase orgânica um carácter coercivo, despótico, autoritário, em contraste com o servilismo quasi camião dos seus elementos.

A generalidade, em todas as sociedades desta fase social, da existência dos chefes autocráticos, dos guerreiros tiranos e despóticos sufocando e apertando num colete de ferro os agregados sociais é para nós indício de que ela corresponde, embora transitoriamente, a uma das metamorfoses preliminares ou intermédias para as sociedades adquirirem o seu pleno desenvolvimento, a sua vida de adulto.

Supra, quicá, a falta duma consciência colectiva, duma inteligência social, dum contractualismo, duma sciência; é filha duma época em que a escassez das subsistências, mesmo dentro de cada agregado, cria interesses antagonísticos e faz quebrar não raramente os laços de sociabilidade, estabelecendo no seio dum organismo factores que o perturbam e o dissolvem e que são a força autoritária, a violência, mantêm em equilíbrio instável, sem que o involucre dentro do qual vivem seres que se degradam, — se rompa, se despedace, formando novos agregados mais pequenos e naturalmente constituídos sobre o princípio da solidariedade humana.

Mas justamente por ser uma fase, um estágio social, e que este aspecto, o guerreiro, o autoritário, — é transitório e tende a desaparecer das organizações sociais como aliás, é já um facto nalgumas instituições.

A evolução do estádio militar-autoritário para outros sucessivos estádios cada vez menos despóticos, em que a autoridade, a poder político se restringe e se elimina progressivamente é um facto que a história prova, que a todo o momento se observa, e que a previsão sociológica indutivamente anuncia num próximo futuro.

## VIDA SINDICAL

## Camara Sindical do Trabalho

## DE LISBOA

Para tratar dum assunto urgente e de interesse geral, como a crise de trabalho, devem comparecer hoje, pelas 22 horas, nesta sede, os delegados dos barbeiros, chapeleiros e pescadores de Lisboa.

## Comunicações